



QUEM SERÁ O PRÓXIMO PRESIDENTE?

O QUE VAI DECIDIR A ELEIÇÃO DE 2026,
SEGUNDO ESTRATEGISTAS QUE DEFINEM
OS RUMOS DA POLÍTICA NO PAÍS

Thiago Prado

O GLOBO 100

QUEM SERÁ O PRÓXIMO PRESIDENTE?

O QUE VAI DECIDIR A ELEIÇÃO DE 2026,
SEGUNDO ESTRATEGISTAS QUE DEFINEM
OS RUMOS DA POLÍTICA NO PAÍS

Thiago Prado

GRUP **GLOBO**

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE: JOÃO ROBERTO MARINHO

VICE-PRESIDENTES: JOSÉ ROBERTO MARINHO e ROBERTO IRINEU MARINHO

O GLOBO

é publicado pela Editora Globo S/A.

DIRETOR-GERAL: FREDERIC ZOGHAIB KACHAR

DIRETOR DE REDAÇÃO E EDITOR RESPONSÁVEL: ALAN GRIPP

EDITORES EXECUTIVOS: LETÍCIA SANDER (COORDENADORA),

ALESSANDRO ALVIM, ANDRÉ MIRANDA, FLÁVIA BARBOSA,

LUIZA BAPTISTA E PAULO CELSO PEREIRA

EDITOR EXECUTIVO DO IMPRESSO: MIGUEL CABALLERO

Se você ainda não é nosso assinante: assinaturaglobo.globo.com

QUEM SERÁ O PRÓXIMO PRESIDENTE? O QUE VAI DECIDIR A ELEIÇÃO DE 2026, SEGUNDO ESTRATEGISTAS QUE DEFINEM OS RUMOS DA POLÍTICA NO PAÍS

ORGANIZAÇÃO E EDIÇÃO: THIAGO PRADO

DESIGN: TÉLIO NAVEGA/ SARAH HORIUCHI

COORDENAÇÃO: JOSY FISCHBERG

CRÉDITOS DAS FOTOS DA CAPA: EVARISTO SÁ/AFP (LULA); EDILSON DANTAS (TARCÍSIO DE FREITAS); CRISTIANO MARIZ (MICHELLE E FLÁVIO BOLSONARO); JÚLIA AGUIAR (ROMEU ZEMA); E BRENNO CARVALHO (RONALDO CAIAADO).

SUMÁRIO

PREFÁCIO	6
INTRODUÇÃO	8
DUDA LIMA	10
CHICO MENDEZ	18
RENATO MEIRELLES	25
MARCELO FAULHABER	33
MAURÍCIO MOURA	40
MARCOS CARVALHO	48
PAULO VASCONCELOS	54
JOÃO SANTANA	63
RENATO PEREIRA	71
PABLO NOBEL	79
FELIPE NUNES	87
SIDÔNIO PALMEIRA	96

SOBRE O AUTOR

Thiago Prado começou a sua carreira em 2006 no Jornal O Dia, onde trabalhou até 2010 como repórter de polícia e política. Depois, trabalhou na revista Veja, na coluna Radar e como editor da sucursal do Rio.

Há sete anos, trabalha no jornal O GLOBO. Em 2019, tornou-se editor de Política e, em 2023, passou a ser responsável pela editoria Brasil. Desde o ano passado, assina a [newsletter “Jogo Político”](#).



PREFÁCIO

O jornalista Thiago Prado teve uma ideia excelente: convidou doze profissionais que lidam com opinião pública e marketing político para uma conversa. As entrevistas foram publicadas originalmente no jornal *O Globo*. Para mim, que ainda leio o jornal em papel, foi um luxo poder ver os entrevistados ocuparem uma página inteira para falar do eleitorado brasileiro e dos movimentos da elite política em 2026. As entrevistas foram reeditadas, agregadas e estão disponibilizadas neste e-book.

Um aspecto que me chamou a atenção é o fato de os entrevistados terem visões tão diferentes quando falam das perspectivas da disputa presidencial de 2026. Lula é o favorito para apenas dois dos entrevistados; outros condicionam a vitória a mudanças de estratégia política do presidente (guinada à esquerda) ou à presença de Bolsonaro na disputa. Alguns enfatizam o bom momento da direita, apontando o favoritismo de nomes como Tarcísio de Freitas e Romeu Zema. Enquanto isso, outros evitam cravar qualquer nome como favorito.

O fato é que a condenação de Bolsonaro e sua ausência direta da campanha é um fator que traz consequências imprevisíveis para o cenário eleitoral de 2026. Por uma década (desde que sua campanha foi lançada em 2015), Bolsonaro e seu grupo político tiveram uma grande centralidade na política brasileira — vale lembrar que, nas duas eleições em que disputou, o seu partido foi o mais votado para a Câmara dos Deputados. Não sabemos como o eleitorado reagirá à sua ausência das urnas.

Do outro lado, as incertezas também são maiores do que quando Lula disputou a reeleição em 2006 e Dilma em 2014. Existe um fator novo que

ameaça a centralidade das políticas públicas vista em eleições passadas. Valores, polarização e atitudes em relação a temas comportamentais parecem ter colocado um teto para a boa avaliação de Lula (como aconteceu na avaliação do governo Bolsonaro). Sem contar a hipótese, apresentada por alguns entrevistados, de que Lula pode até não concorrer.

Essa combinação de incertezas torna o trabalho de quem vive de analisar o eleitorado brasileiro (seja para apresentar os números, seja para fazer seu candidato vencer) uma tarefa das mais difíceis. As eleições ainda estão distantes, mas conhecer a opinião desses doze profissionais é um privilégio. Eu, particularmente, me beneficieei ao prestar atenção na leitura que cada um faz não só das lideranças, mas também do eleitorado brasileiro. Fica a dica para o leitor observar esse aspecto com atenção.

Jairo Nicolau

cientista político e pesquisador do CPDOC/FGV

INTRODUÇÃO

O ano de 2025 vem desafiando o jornalismo político brasileiro a decifrar uma série de questões a pouco mais de um ano para um novo ciclo eleitoral: por que o presidente Lula passou a ser mais rejeitado que aprovado em seu terceiro mandato? Qual o tamanho do ex-presidente Jair Bolsonaro, condenado pelo Supremo Tribunal Federal (STF) por comandar uma trama golpista, no xadrez de 2026? Entre as opções da direita cogitadas até o momento, quem é o nome mais competitivo para concorrer contra Lula, uma vez que Bolsonaro está inelegível após decisão do Tribunal Superior Eleitoral (TSE)?

No primeiro semestre, a minha newsletter “Jogo Político”, publicada semanalmente no GLOBO, se propôs a buscar essas respostas ouvindo os principais estrategistas políticos e donos de institutos de pesquisa do país. São pessoas com acesso aos mais relevantes lances do jogo que acompanhamos como uma novela no dia a dia do noticiário. Agora, atualizamos as entrevistas e produzimos conteúdos extras para ampliar ainda mais a reflexão sobre a política brasileira.

O ano está quente. Portanto, são muitos os temas abordados nas próximas páginas: crise do PIX, fake news e inflação de alimentos; saúde de Lula, papel da primeira-dama Janja e o escândalo do INSS; aumento do IOF, emendas parlamentares sob o comando do Centrão e as derrotas impostas ao Planalto pelo Congresso; o discurso de “pobres contra ricos”, o “tarifaço” e as sanções a Alexandre de Moraes impostas pelo presidente Donald Trump; a condenação de Jair Bolsonaro e a indecisão do ex-presidente sobre quem será o seu sucessor. O governo chegou a melhorar a popularidade em agosto,

mas o grau de indefinição sobre a corrida eleitoral de 2026 continua elevado. Em algumas entrevistas, também projetamos os cenários das disputas para governador nos estados.

A maior riqueza do e-book está na conclusão de que a política definitivamente não é uma ciência exata. Em 15 entrevistas, você lerá os mais diferentes diagnósticos e prognósticos sobre o que nos espera para o ano que vem. Em um ponto, ao menos, todos concordam: estamos às vésperas da mais incerta eleição presidencial desde a redemocratização. Emoção não vai faltar.

Boa leitura.



REPRODUÇÃO

DUDA LIMA

NOME COMPLETO

EDUARDO RODRIGUES LIMA

IDADE

52

FORMAÇÃO

FARMÁCIA

O QUE FAZ HOJE

CONSULTORIA DE IMAGEM E ESTRATÉGIA ELEITORAL

DESTAQUES DA CARREIRA:

ESTRATEGISTA DA CAMPANHA DE JAIR BOLSONARO
A PRESIDENTE, EM 2022, E DE RICARDO NUNES
A PREFEITO DE SÃO PAULO, EM 2024

‘A direita acabou se perdendo em um momento em que era o governo quem estava perdido. Que narrativa a oposição apresenta hoje? Eles ficaram completamente sem norte, e todo esse cenário está ajudando Lula’

DUDA LIMA

Como a condenação de Jair Bolsonaro pode afetar a campanha eleitoral de 2026?

Quanto mais esse tema esticar, melhor para o Lula. Pior para a oposição. Porque não se fala mais dos problemas do governo. Um exemplo é a CPI do INSS. Ela está acontecendo, mas parece que não está em curso porque ninguém dá destaque. Ou seja, quanto mais temas como julgamento e anistia se estenderem, pior para a oposição. Achei que tudo acabaria mais rápido, ninguém imaginava os fatores Eduardo Bolsonaro e Donald Trump. Tudo tomou uma dimensão gigantesca.

Não é errada a ideia de que atacar Alexandre de Moraes, pedir seu impeachment e defender aplicação da Lei Magnitsky, como a direita está fazendo, vai dar voto?

Isso só anima a militância. O povo fica com mais energia, as pessoas vão para as ruas, mas impacta pouco, da mesma forma que o “nós contra eles” da militância da esquerda. Eleitoralmente, na minha opinião, é uma perda de tempo. Porque quem quer que o Bolsonaro seja condenado já sabe em quem vai votar. Quem não quer, também. Essa coluna do meio é que deveria estar sendo impactada com os erros e acertos do governo. Se continuarmos nesse tema, lá na frente não estaremos debatendo se o terceiro mandato do Lula foi bom ou ruim.

Tenho a impressão de que acontecimentos como o tarifaço e a incursão de Eduardo Bolsonaro pelos EUA foram presentes para o Lula...

Claro que foram. A direita errou demais. Essa bateção de cabeça é muito ruim, pai brigando com filho por telefone... Isso não é bom para o país. “Ah, mas, se não tiver anistia, vai ter tarifaço”. Eu não concordo com isso. O povo vai pagar essa conta? Tem gente na direita achando que é isso mesmo, o que confunde as pessoas. Elas se perguntam: “Então eu defendo o (Donald) Trump ou ataco?”. Fica uma confusão generalizada. A direita acabou se perdendo em um momento em que era o governo quem estava perdido. Que narrativa a oposição apresenta hoje? Eles ficaram completamente sem norte, e todo esse cenário está ajudando Lula. A população acha que o governo não está bom, mas tem medo de piorar ainda mais. As pautas da direita estão desconexas e ninguém está falando mais de país.

QUEM SERÁ O PRÓXIMO PRESIDENTE?

O governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, caiu na cilada ao atacar o ministro Moraes em ato na Paulista?

Confesso que não sei até agora se foi na razão ou na emoção, mas ele fez esse movimento porque vinha apanhando nas redes. Agora, o Tarcísio é centro-direita e pronto, acabou. Não é uma fala que vai mudar todo o histórico e perfil dele. O governador sempre foi equilibrado e conciliador. O fato de ter feito uma crítica mais contundente ao STF era absurdo para um determinado público até o voto do Luiz Fux no julgamento do golpe. Essa coisa de “ditadura da toga” ganhou força depois da fala do ministro. Então, calma lá, o Tarcísio não está tão errado assim. É totalmente compreensível o movimento dele.

Em abril, quando você me concedeu uma entrevista, disse que a chance de derrota de Lula em 2026 era maior do que a vitória. Continua achando isso mesmo com a subida de popularidade do presidente?

Ainda acho que o maior adversário do Lula é o Lula. E ainda acho muito difícil ele ter mais de 50% dos votos. Mas dizia lá atrás que não bastava mais só o governo acertar, era necessário a direita errar. E, como disse acima, é o que está acontecendo. Disse na última entrevista: vai que aparece um Roberto Jefferson jogando uma granada de novo, ou uma Carla Zambelli armada perseguindo uma pessoa na rua? Foram os motivos que fizeram Bolsonaro ser derrotado em 2022. Pelas minhas pesquisas, ele chegou a virar

a eleição no segundo turno, mas, depois do episódio do Jefferson, perdeu quatro pontos percentuais entre as mulheres. O tarifaço é uma espécie de granada do Roberto Jefferson. Mas a diferença é que ainda falta muito tempo para a eleição.

‘Ainda acho que o maior adversário do Lula é o Lula. E ainda acho muito difícil ele ter mais de 50% dos votos’

O fato de Bolsonaro demorar a escolher o seu candidato não atrapalha a direita e torna tudo ainda mais imprevisível?

Não acho que faça diferença falar disso neste ano. Fará diferença em 31 de março de 2026, quando Tarcísio de

Freitas, Ronaldo Caiado, Romeu Zema e Ratinho Júnior terão que decidir sobre a desincompatibilização dos seus cargos.

Para Tarcísio, vale arriscar uma eleição ganha em São Paulo para entrar em uma difícil disputa pelo Planalto contra Lula?

Rapaz, não dá para fazer uma limonada sem quebrar os ovos (risos). Entrou na corrida pode ganhar ou perder. É do game. Tarcísio é extremamente qualificado para ser competitivo.

Aliados mais radicais do presidente consideram que indicá-lo faria Bolsonaro perder a liderança na direita...

Não concordo. Isso não aconteceu com o Lula depois de duas eleições da ex-presidente Dilma (Rousseff). Bolsonaro será sempre lembrado por uma geração. É gigante tudo o que ele representa e todo o significado para os valores conservadores. Nada disso vai acabar de uma hora para outra. Agora, há algo novo. Se a prisão realmente vier, é o fato de ele ficar sem voz. Eu sempre fiquei impressionado com o Bolsonaro. Lembra quando um monte de gente foi para Brasília no 7 de setembro comemorar o Dia da Independência? O cara puxou o coro de “imbrochável” e, mesmo assim, as pessoas saíram de lá felizes da vida por serem brasileiras. Bolsonaro tem um monte de defeitos, mas representa uma causa para muita gente.

Mas, diante da rejeição a Bolsonaro, concorda que, se ele inventar de apoiar um familiar para presidente como o filho, Eduardo, ou a mulher, Michelle, terá mais dificuldades?

Trará uma rejeição maior, sim, mas provavelmente uma transferência direta mais efetiva no ponto de partida de uma campanha. Teria em torno de 25% de intenções de votos e 40% de rejeição no começo da disputa. Quem é o dono do voto é o Bolsonaro, e o candidato que ele apoiar terá vantagem inicial de ir para um segundo turno. Mas é claro que depois que começa o processo eleitoral, um candidato pode falar uma besteira e mudar tudo...

Afinal, quem Bolsonaro vai escolher como candidato, na sua opinião?

Vamos tentar acertar os números da Mega-Sena? Talvez seja mais fácil. Eu já desisti de querer saber o que esse cara vai fazer. Conheço ele, sei como

QUEM SERÁ O PRÓXIMO PRESIDENTE?



LAILSON SANTOS

raciocina. Na minha leitura, não decidiu ainda. Digo mais, depois do voto do Luiz Fux pela absolvição, ele deve estar achando que ainda dá para concorrer.

O 8 de Janeiro foi tentativa de golpe para o senhor?

Não cabe a mim opinar, mas, pelas pesquisas que vejo, só uma minoria da população acredita nisso.

Por que a popularidade do Lula piorou em dois anos?

Percebo que Lula e o PT não se prepararam para os quatro anos. Ele, seguro, autoconfiante e muito competente, acreditou que não precisava de programa de governo, que bastava gerenciar de acordo com experiências passadas. E ocorre que parte delas não funciona mais. Não dá para administrar como em 2004. Além disso, ele venceu a eleição e encontrou um país dividido de um jeito que nunca lidou. O 8 de Janeiro acabou dando um fôlego, teve esse papo de “foi golpe, não foi golpe” que já fizemos aqui, mas eles, do governo, deixaram de se cobrar sobre o que fariam. Teve uma hora que o povo ficou de saco cheio disso.

Quando a oposição passou a falar mais de economia estava funcionando mais, certo?

Sim, a direita estava mostrando capacidade maior de entender o que as pessoas estavam sentindo e falando. E foi natural olharem mais para a economia. Estavam detectando que o povo está irritado com o preço do ovo e do feijão. No primeiro semestre, Valdemar (Costa Neto, presidente do PL) chegou a criar um slogan para esse governo: “Inflação para todos”. A comunicação da direita estava correta, havia coordenação dos argumentos. Uma oposição inteligente agrega seguidores para propagar uma única narrativa. Isso fez uma confusão na cabeça do Lula e da esquerda.

Às vezes essa comunicação coordenada propaga mentiras como no caso do Pix, não?

É muito subjetivo. De fato, o decreto não dizia que ia taxar as pessoas. Mas também não dizia que não ia taxar. E esse foi um governo que falou que não iria taxar as blusinhas também... É fake news isso? Há uma dificuldade de entendimento de uma nova visão do Estado que está crescendo, inclusive de quem ainda depende dele. Se pergunto para uma

QUEM SERÁ O PRÓXIMO PRESIDENTE?

senhora se ela quer que o Bolsa Família continue, ela diz que sim. Mas, se questiono se ela quer que o filho receba, ela responde não. A narrativa “sou preto, meu bisavô foi escravo, somos coitados e precisamos de ajuda do governo” está mudando. Agora é: “Sou preto, meu bisavô foi escravo, mas não vou passar por essa injustiça que ele passou. Eu mesmo vou romper com essa realidade”.

Está falando isso, mas Bolsonaro em 2022 aumentou o Bolsa Família e outros programas sociais na lógica de ganhar a eleição...

Claro, isso é política, e provavelmente Lula vai fazer o mesmo. Só estou dizendo que esse público de “coitadinhos” está em queda. Há um outro fator aí que é o do crescimento dos evangélicos, um segmento que busca prosperidade sem a ajuda do governo. Lula não tem sintonia com esse eleitor, o discurso não se encaixa. E enxergo outra faixa de público em que o governo terá problemas em 2026.

Qual?

Aqueles acima de 60 anos. Roubaram os aposentados nesse escândalo do INSS. Anota aí: Lula vai sangrar nesse público. Aposto que a CPI do INSS que citei no início ainda vai desgastar muito o governo.



DIVULGAÇÃO

CHICO MENDEZ

NOME COMPLETO

FRANCISCO ZAIDAN MENDEZ

IDADE

43

FORMAÇÃO

COMUNICAÇÃO E CIÊNCIA POLÍTICA

O QUE FAZ HOJE

SÓCIO DA CZM NARRATIVA E ESTRATÉGIA, AGÊNCIA DE CRIAÇÃO E PLANEJAMENTO DE COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL, QUE TEM COMO CLIENTE O PRESIDENTE DA CÂMARA, HUGO MOTTA (REPUBLICANOS)

DESTAQUES DA CARREIRA:

FEZ 35 CAMPANHAS MAJORITÁRIAS EM BRASIL, ARGENTINA, VENEZUELA, PERU E COLÔMBIA, COM DESTAQUE PARA FERNANDO PIMENTEL, PARA O GOVERNO DE MINAS GERAIS, EM 2014; HENRIQUE MEIRELLES, PARA PRESIDENTE EM 2018; JOÃO DÓRIA, PARA GOVERNADOR DE SÃO PAULO, EM 2018; E JHC, PARA A PREFEITURA DE MACEIÓ, EM 2020

**‘Neste momento, o Tarcísio
está fazendo o jogo
certo: apoiar Bolsonaro
para mostrar gratidão e
lealdade. Agora, os outros
nomes são competitivos
também. Qualquer que
seja o candidato, a
direita vai se unir em um
segundo turno’**

CHICO MENDEZ

Seu cliente, o presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos), vem sendo muito questionado por não escolher um lado na polarização entre direita e esquerda que toma conta do debate brasileiro há anos. Como o senhor encara essa crítica?

Ele está no pior emprego do mundo. Uma coisa é ser presidente da Câmara em um momento de transição de governo, quando o 8 de Janeiro havia anestesiado as pessoas. Naquele momento, a palavra anistia era proibida e Joe Biden era presidente dos EUA. Agora o cenário é outro: tem Donald Trump, tarifaço, Lei Magnitsky, Carla Zambelli presa na Itália, Bolsonaro prestes a ir pelo mesmo caminho... A anistia deixou de ser um palavrão.

Motta fez certo ao pautar a urgência do projeto de anistia?

Aí você tem que ver com ele, não tenho autorização para falar pelo Hugo. Sua grandeza está em não tomar lado algum no comando da Câmara. O silêncio também comunica, muitas vezes. Imagina se ele fosse um presidente mais esquentado, estilo Arthur Lira, de pé na porta? Nesses tempos que vêm aí, o Centrão vai exercer um papel bem importante de domo de ferro (*referência ao sistema de defesa antiaérea de Israel*) das instituições e da democracia no Brasil.

Como assim?

Existem dois tipos de centro. O eleitoral, que é uma abstração e morreu em 2022. E o político, que é o Centrão. Esse, sim, sobrevive e mantém as instituições vivas. São lideranças como Rodrigo Pacheco, Davi Alcolumbre, Hugo Motta, Arthur Lira... A imprensa e as elites acabam sendo injustas e preconceituosas com eles e não dando o devido valor.

Não é muito cômoda essa vida de Centrão? Mandando no orçamento, posando de defensor da democracia, mas quem responde pela popularidade do governo é o presidente...

Cômodo em tese. Na democracia digital que vivemos hoje, Hugo Motta está apanhando dos dois lados nas redes sociais. É uma pressão real, e ele vai precisar se equilibrar nesse jogo ao longo do mandato. Sobre o orçamento, não domino gestão pública, mas quem sabe mais das demandas do eleitor: o deputado ou o gestor burocrata em Brasília? Será mesmo que toda emenda é ruim?

QUEM SERÁ O PRÓXIMO PRESIDENTE?

As pesquisas mostram que a confiança da população no Congresso segue em queda, ainda mais depois da aprovação da PEC da Blindagem na Câmara...

O Congresso vai sempre ter uma imagem ruim em um sistema presidencialista. Essa é a realidade no Brasil e no mundo. Todo político é visto com maus olhos pela população, esse é um jogo jogado, não é meta do Hugo refundar a imagem da Câmara.

Além de incomodar a direita por não pautar a anistia, Hugo também vem irritando o governo porque a pauta do Planalto não anda na Câmara.

Temos um governo de esquerda com um Congresso de direita, e a minoria ocorre principalmente na Câmara. É a primeira vez que vivemos esse cenário desde 1988. Hugo vem sendo um equilibrista, está equilibrando pratos. Mesmo assim, mais de 90% dos projetos que vieram do Executivo foram aprovados e a isenção do Imposto de Renda também deve passar. Agora, é claro que o tema anistia joga uma névoa em cima de todas essas pautas.

‘Ninguém segue o perfil do Planalto, as pessoas vão seguir o do Lula. Instituições não contam histórias. Instituições têm suas histórias contadas e recontadas por líderes’

Propostas como isenção do IR, pé de meia, subsídio para a compra do gás podem ser a bala de prata que vai virar o jogo da popularidade para o governo de vez?

Ajudam, mas não é mais assim que funciona. Hoje, as marcas da gestão são muito menos importantes. Mais relevante é a marca do gestor. Isso tem a ver com a maneira com como consumimos conteúdos e formamos opinião atualmente. A pessoa física venceu a jurídica. Vale para o setor público e para as empresas, basta ver o movimento dos CEOs se comunicando cada vez mais com a sociedade. Estamos em um Brasil em que, dos 50 maiores perfis do Instagram, todos são de pessoas físicas. Quero dizer o seguinte: ninguém segue o perfil do

Planalto, as pessoas vão seguir o do Lula. Instituições não contam histórias. Instituições têm suas histórias contadas e recontadas por líderes. Vamos falar de São Paulo. Afinal, qual a marca da gestão Tarcísio de Freitas? É o próprio Tarcísio, ora. O que ele carrega, os valores militares e de bom administrador. Tarcísio é a noiva mais desejada do Brasil e pode ser a grande anistia também.

Não acha que ele se queimou ao atacar o STF e virar o maior defensor da anistia do campo bolsonarista?

Ele está pagando um pedágio, mas permita-me fazer uma brincadeira aqui. É um pedágio paulista. Caro, mas que vale a pena pagar. Não existe candidato de direita sem pregar para essa turma. Por outro lado, o governo acabou encontrando a mola no fundo do poço com a crise do tarifaço e Lula voltou a ser competitivo. O mundo dá muita cambalhota. Não estava no radar de ninguém os fatores Donald Trump, tarifaço e Eduardo Bolsonaro nos EUA.

Quando me deu a entrevista no primeiro semestre, o senhor apontava que o governo tinha problemas bem maiores do que apenas uma simples insatisfação com a alta de preços, como os principais analistas apontavam. O que aconteceu para a popularidade voltar a subir?

Mudou o contexto com o tarifaço. Naquela época, havia uma coisa muito maior do que simplesmente a insatisfação pela alta dos alimentos, como todos avaliaram. Lembra quando, em 2015, a ex-presidente Dilma (Rousseff) foi acusada pela esquerda de estelionato eleitoral por ter feito um arrocho fiscal diferente do prometido na campanha? Estava acontecendo a mesma coisa, só que às avessas. Lula fazia um governo para o PT, ignorava o centro e os liberais que o apoiaram em 2022.

O senhor chegou a chamar esse excesso de discurso esquerdista no governo de “Frente Janja”, em uma clara ironia ao papel da primeira-dama na comunicação do governo...

O ministro (*da Secom*) Sidônio (*Palmeira*) é muito experiente. Ele deu um cavalo de pau nas redes sociais do governo, e ela saiu de cena completamente. Se isso aconteceu, é porque pesquisas mostraram que ela não estava ajudando.

Aquele discurso do governo contra os ricos formatado depois que seu cliente Hugo

QUEM SERÁ O PRÓXIMO PRESIDENTE?



DIVULGAÇÃO

Motta articulou a derrubada do IOF também ajudou a melhorar a popularidade, não?

Teve uma função muito importante para juntar os cacos da esquerda. A crise estava tão grande no governo que nem a própria base estava unida. Aquilo fez a esquerda juntar madeira e montar uma canoa. Quando veio o tarifaço, que reforça ainda mais o discurso de “pobres e ricos”, aí criou-se uma Arca de Noé do Lula. Empresários e parte da elite também ficaram a favor do discurso do governo.

Estão todos na direita tentando bajular Bolsonaro neste momento. Mesmo se estiver preso, a eleição presidencial passará pela escolha dele?

Natural passar. O bolsonarismo cooptou toda a direita e eliminou a parte liberal. Neste momento, repito, o Tarcísio está fazendo o jogo certo: apoiá-lo para mostrar gratidão e lealdade. Agora, os outros nomes são competitivos também. Qualquer que seja o candidato, a direita vai se unir em um segundo turno. Ronaldo Caiado tem uma trajetória desde os anos 80, (*Romeu*) Zema tem estilo caipira antissistema, do cara que sofre *bullying*... Todos têm uma história para contar, mas acho Tarcísio o mais forte por ter o DNA do Bolsonaro.

O senhor trabalhou para o PSDB, e o partido esteve em conversas com siglas do Centrão para uma fusão. É a única saída para os tucanos?

Sim, terão que fazer esse movimento, coisa que sempre tiveram ojeriza na época em que mandavam no Brasil e faziam aliança com o PFL sem considerá-los parte da elite intelectual. Vão ter que perder o nojinho e fazer parte do Centrão. Vou criar uma expressão por aqui: o PSDB é um partido “transinfluyente”. Não é, mas se identifica como se fosse.

Quem você vislumbra como nova liderança na esquerda ou centro-esquerda para o pós-Lula?

O PT deveria ter a dimensão de olhar fora do partido. Acho que o prefeito do Rio, Eduardo Paes, deveria ser a semente regada pela esquerda para os próximos anos. Paes deixou de ser o playboy da Zona Sul para ser um suburbano do samba e com leveza. Ele tem domínio do digital, rapidez, sagacidade e deboche. Tudo na medida certa para o embate com essa direita nos próximos anos.



ANA BRANCO

RENATO PEREIRA

NOME

RENATO BARBOSA RODRIGUES PEREIRA

IDADE

65 ANOS

FORMAÇÃO

ANTROPOLOGIA

O QUE FAZ HOJE

É O RESPONSÁVEL PELA PRÉ-CAMPAHA À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA DO GOVERNADOR DE MINAS GERAIS, ROMEU ZEMA (NOVO)

DESTAQUES DA CARREIRA

FICOU CONHECIDO PELAS CAMPANHAS VITORIOSAS PARA O GOVERNO DO RIO DE SÉRGIO CABRAL (2006 E 2010) E LUIZ FERNANDO PEZÃO (2014), ALÉM DE TER COORDENADO AS DUAS PRIMEIRAS ELEIÇÕES DE EDUARDO PAES PARA A PREFEITURA DO RIO (2008 E 2012). ALÉM DISSO, PEREIRA JÁ PARTICIPOU DE DISPUTAS EM PAÍSES DA AMÉRICA LATINA COMO ARGENTINA E VENEZUELA. SEUS TRABALHOS MAIS RECENTES FORAM AS CAMPANHAS DE MARCELO FREIXO (PT) PARA O GOVERNO DO RIO, EM 2022, E DE JOSÉ SARTO (PDT) PARA PREFEITO DE FORTALEZA, EM 2024

**‘A polarização é como
a fotografia de uma
onda em um mar
turbulento. Pode dar
a impressão de ser
uma montanha imóvel,
mas a realidade
é bem diferente’**

RENATO PEREIRA

Estamos em setembro, Bolsonaro foi condenado pelo Supremo Tribunal Federal e a indefinição de nomes na oposição para enfrentar Lula no ano que vem continua. Isso não acaba beneficiando o PT?

Ao contrário da esquerda, a direita tem uma série de quadros se renovando e que conseguem mobilizar campos muito diferentes. Tarcísio de Freitas tem perfil mais tecnocrático, de inspirar confiança. Ratinho Júnior é filho de um fenômeno de comunicação no Brasil. Ronaldo Caiado é uma figura clássica da oligarquia brasileira. Romeu Zema, que vem do interior do Brasil, nunca tinha feito política e tem a vida economicamente resolvida. Há ainda Nikolas Ferreira, Michelle Bolsonaro entre outros. Estamos falando de muitos nomes que inspiram brasileiros. E a esquerda tem quem? Lula fez uma sombra muito grande na formação de líderes no Brasil.

Mas quem o senhor acha que Bolsonaro vai apoiar em 2026?

Ainda aposto que ele terá alguém do clã na cabeça de chapa. Estamos falando da sobrevivência política. O que é viver na política? É ter poder e se manter relevante. Se ele apoia alguém de fora do próprio clã, estará entregando a própria alma. Isso vai ser retornado no futuro? Nunca. No entanto, as coisas mudaram do tarifaço para cá. As pesquisas, que antes mostravam que todos os personagens do clã Bolsonaro eram competitivos, agora indicam um aumento da rejeição a eles, especialmente se analisarmos o nome do Eduardo Bolsonaro. Se em março de 2026 os números estiverem inviáveis, talvez valha a pena apoiar outro nome.

Há integrantes da família mais e outros menos rejeitados, certo?

Concordo. A Michelle Bolsonaro hoje aparece como a mais competitiva. Porque o ex-presidente vai abrir mão de um familiar se puder ganhar com ele? Por outro lado, ironicamente essa é a maior chance que o Lula tem. Talvez a única. Lula fica muito mais vivo no jogo se houver um Bolsonaro na competição.

Seu cliente, Romeu Zema, será candidato de qualquer jeito?

Ele não tem o que perder. Está saindo do Governo de Minas e não interessa a ele ser candidato ao Senado. Pegou um estado arruinado pelo

QUEM SERÁ O PRÓXIMO PRESIDENTE?

PT e botou de pé. Sempre foi um executivo na iniciativa privada, uma história de vida que ninguém tem, um ótimo *case* para mostrar. Por que não tentar a Presidência?

A imagem de partido elitista e “almofadinha” que o Novo tem não acaba atrapalhando a candidatura?

Acho que, por ter sido criado por empresários, o Novo acabou transmitindo essa ideia. Mas se tem alguém que não tem nada a ver com isso é o Zema. Ele é do interior do Brasil e não fala a linguagem da elite cultural brasileira. Representa uma oportunidade muito boa do partido falar diferente com os brasileiros. Em Minas, o Novo já mostrou ser capaz de falar além dessa bolha.

Em entrevistas, Zema já cometeu gafes, como minimizar a ditadura militar brasileira ou demonstrar desconhecimento sobre quem é a célebre escritora mineira Adélia Prado.

Esse jeito considerado “tosco” por alguns não o prejudica para um voo ao Planalto?

‘É o desdém e a discriminação com os quais sempre se fala dos outsiders. São sempre considerados despreparados, burros, atrasados e que não sabem se comportar’

Excelente você usar a expressão “tosco”. Quem diz isso é essa tal elite cultural brasileira. É o desdém e a discriminação com os quais sempre se fala dos *outsiders*. São sempre considerados despreparados, burros, atrasados e que não sabem se comportar. Quando Zema disse que o regime militar era uma questão de interpretação estava comparando esse período com o atual em que milhões de pessoas vivem em favelas sob o domínio das facções criminosas. Dependendo do lugar, se você veste uma camisa errada, é morto. Quer ditadura mais cruel que isso? E sobre a Adélia Prado, é isso, ele não sabia. Repito: Zema não fala a linguagem da elite. O que importa é que ele é uma pessoa que batalhou e venceu na vida.

Zema já foi a manifestações pela anistia, tem dito que apoiaria Bolsonaro caso ele conseguisse reverter a inelegibilidade e até determinaria o seu indulto. Só é possível se viabilizar na direita puxando o saco do ex-presidente?

Não se trata de puxar saco, mas de participar dos eventos. O debate da anistia está acontecendo, o julgamento da trama golpista no STF aconteceu, e não dá para dizer: “não sou a favor nem contra”. Bolsonaro é hoje a principal figura do antipetismo no Brasil. Ele representa muito mais do que a extrema-direita. Nesse momento, para qualquer liderança que esteja nesse campo, é natural que se busque um posicionamento. Não há como não manifestar pontos de convergência em relação a ele.

As pesquisas mostram que a população é mais favorável a punições para os envolvidos no 8 de Janeiro do que qualquer tipo de anistia. Defender essa pauta não será ruim em uma campanha?

Entendo a maioria dizer numa pesquisa que quem fez baderna e tentou dar um golpe tem que ser preso. Mas tudo é contexto e como se conectam os pontos. Quando existe uma pessoa como a Débora Rodrigues que pode ser condenada a 17 anos de prisão por escrever uma frase numa estátua com batom, sem depredar nada, há uma pergunta a se fazer: como ela é punida dessa forma e o André do Rap, do PCC, é condenado a apenas dez anos de prisão? Não para de pé essa história. Isso é justiça? Se trabalharmos o enredo desta forma, aí pode ser interessante.

Mas, tendo em vista que seguimos na lógica da polarização entre Lula e Bolsonaro, não fica difícil para Zema se destacar?

A polarização é como a fotografia de uma onda em um mar turbulento. Pode dar a impressão de ser uma montanha imóvel, mas a realidade é bem diferente. O cenário no Brasil e no mundo é de mudança e de incerteza crescentes. A disputa política central não é mais entre direita e esquerda, mas entre *insiders* e *outsiders*. Não há espaço para terceira via, mas sobra para quem venha por fora.

Com tantos políticos se reelegendo e tanta demonstração de força do Centrão no Congresso, a força dos *outsiders* não deveria ser considerada muito mais pontual do que estrutural?

QUEM SERÁ O PRÓXIMO PRESIDENTE?



ANA BRANCO

Ser *outsider* em uma eleição depende menos da biografia e mais do argumento de venda. (*Emmanuel*) Macron se apresentou como uma alternativa fora do sistema partidário francês, fundou seu próprio movimento e bateu os partidos tradicionais sendo um ex-ministro da economia de (*François*) Hollande. (*Jair*) Bolsonaro foi deputado por sete mandatos antes de vencer como *outsider*. Existem outsiders de esquerda, como Pablo Iglesias, (*Gustavo*) Petro, Andrés Manuel López Obrador; ao centro, como Macron; e à direita, como Bolsonaro, (*Javier*) Milei e (*Donald*) Trump. O que há de comum entre eles é que se apresentam ao eleitor com atitude e mensagem antissistema. Há uma clara demanda por líderes que se posicionam contra o establishment, porque uma multidão de pessoas se sente na corda bamba com a torrente de mudanças que estamos vivendo. E ainda tem que aturar as lições de moral de quem dá as cartas do jogo. Hoje existe muito mais uma divisão social entre aqueles que chamo de *insiders* e *outsiders* do que entre pobres e ricos.

Como assim?

O que quero dizer é que hoje pode existir muito mais proximidade entre uma pessoa de classe média baixa que tem instrução e o Jeff Bezos da Amazon do que entre duas pessoas da mesma faixa social com diferentes níveis de conhecimento. É uma sociedade cada vez mais tribalizada, e definições como pobres e ricos, ou direita e esquerda, não dão mais conta de explicar tamanha complexidade. Escrevi um artigo para a Folha de S. Paulo há alguns anos reconhecendo o Lula como um dos últimos políticos a conseguir falar uma linguagem universal, entendida por todos. Ele está perdendo isso, hoje parece representar a manifestação de uma elite cultural. É um jeito de se comunicar de quem se acha o dono da verdade, no direito de determinar o que é atraso, o que é mentira. E de desdenhar de quem não se identifica com os valores progressistas que a esquerda prega. Aí que mora a divisão atual na minha opinião. Os *insiders* que estão nessa elite cultural e os *outsiders*, que pensam o mundo de maneira completamente diferente.

Na entrevista realizada em janeiro, o senhor me disse que achava que 2026 seria uma eleição de mudança por causa da inflação. Os preços, no entanto, pararam de subir

QUEM SERÁ O PRÓXIMO PRESIDENTE?

como no ritmo do início do ano. Ainda acha que a economia vai ser um problema para o governo no ano que vem?

Com certeza, sim. A economia se recuperou por duas razões apenas: o enfraquecimento do dólar, causado pelo tarifaço de Trump, fez com que a inflação cedesse no Brasil. E devido às taxas de juros astronômicas aplicadas no país no lugar de um ajuste fiscal. Agora, temos uma dívida subindo de um jeito insustentável e uma piora do cenário econômico para o ano que vem.



AGÊNCIA FOLHA

MARCELLO FAULHABER

NOME

MARCELLO DE LIMA SANTIAGO FAULHABER CAMPOS

IDADE

53

FORMAÇÃO

ENGENHARIA

O QUE FAZ HOJE

PREPARA A PRÉ-CAMPANHA DO PREFEITO EDUARDO PAES (PSD) A GOVERNADOR DO RIO DE JANEIRO

DESTAQUES DA CARREIRA

FICOU CONHECIDO PELAS CANDIDATURAS VITORIOSAS PARA A PREFEITURA DO RIO DE MARCELO CRIVELLA, EM 2016, E DE EDUARDO PAES, EM 2020 E 2024.

COM O MESMO PAES, PERDEU A DISPUTA PARA O GOVERNO DO RIO, EM 2018, CONTRA O EX-JUIZ WILSON WITZEL.

PARTICIPOU DA EQUIPE DE ESTRATEGISTAS QUE DEU SUPORTE A SIDÔNIO PALMEIRA NA CAMPANHA PRESIDENCIAL DE 2022 DE LULA CONTRA JAIR BOLSONARO

**‘Arrisco a dizer que
nunca mais um
governante terá mais
de 65% de aprovação
popular. Tem um terço
da população que não
quer ouvir o outro lado,
não interessa se a vida
está melhorando’**

MARCELLO FAULHABER

Por que o senhor acha que Lula é favorito para vencer em 2026?

Por quatro razões. Primeira delas: a economia vai continuar melhorando. Quando dei a entrevista a você em fevereiro, falei que a bolsa ia subir, ao contrário do ano passado, e que a curva de juros e o dólar cairiam. Disse que voltaríamos ao patamar de R\$ 5,50, e voltamos. No início do ano, houve chantagem, pressão e percepção equivocada. O mercado ficou muito tenso com a entrada do Gabriel Galípolo no Banco Central, da mesma forma que esteve quando o (*Fernando*) Haddad entrou no Ministério da Fazenda. Queriam saber dele: "Vai trabalhar para a gente ou para o governo?" Como Haddad começou subindo os juros, deram uma acomodada. Já trabalhei no mercado, sei como funciona. Não dá para apostar contra durante tanto tempo.

Lula teve queda de popularidade entre os mais pobres este ano e até hoje não recuperou os índices de outros tempos...

Foi basicamente o estrago feito pela crise do Pix. Lula enfrenta uma direita engajada e mentirosa. E hoje vivemos em um país diferente dos governos Lula I e II. Ele nunca mais vai ter aqueles patamares de popularidade. Aliás, arrisco a dizer que nunca mais um governante terá mais de 65% de aprovação popular. Tem um terço da população que não quer ouvir o outro lado, não interessa se a vida está melhorando.

Usar demais uma retórica antiamericana não pode acabar prejudicando mais que beneficiando o Brasil?

Sim, tudo depende da dosimetria. Remédio em excesso pode virar veneno. Por enquanto, Lula e seu entorno estão muito bem. Falando com serenidade e respeito aos Estados Unidos como nação. É um governo que está atacando a nossa soberania, e não um país. Na América Latina, por mais que a elite financeira se ajoelhe para os Estados Unidos, o povo não gosta de postura submissa, independentemente da cor ideológica. Getúlio Vargas já surfou nessa onda, Ernesto Geisel... Sempre acontece quando os Estados Unidos adotam essa postura de Doutrina Monroe que o Donald Trump está usando.

QUEM SERÁ O PRÓXIMO PRESIDENTE?

Uma hora o tarifaço do presidente americano Donald Trump não vai acabar afetando a economia brasileira e prejudicando Lula?

É claro que, se recebermos um embargo como sofre a Coreia do Norte, aí realmente haverá impacto na economia. Mas não acho que isso esteja no horizonte. O impacto do tarifaço como está hoje vai ser bem absorvido. A China, grande compradora de produtos brasileiros que é a China segurou uma boa relação com a Rússia, não vai segurar com o Brasil? Problema maior será se houver uma recessão global por causa das tarifas. Aí o mundo todo vai ser afetado, independentemente de governos de direita ou esquerda.

Quais as outras razões que tornam Lula favorito para 2026?

Vamos à terceira razão. A direita virá muito esfacelada. Ronaldo Caiado, Romeu Zema, um candidato do Bolsonaro... Vai haver uma guerra fratricida

entre eles, e o voto não se unirá no segundo turno. Além disso, Donald Trump, com essa postura de imperador do mundo, vai forçar uma união global contra os Estados Unidos. A direita vai ficar sozinha defendendo alguém que acha que brasileiro é nada. Isso pode mobilizar um sentimento patriótico verdadeiro.

‘A direita virá muito esfacelada. Ronaldo Caiado, Romeu Zema, um candidato do Bolsonaro... Vai haver uma guerra fratricida entre eles, e o voto não se unirá no segundo turno’

E a quarta razão para Lula ser favorito?

É mais histórica, quase metafísica. Antes do Big Bang, já estava escrito nas estrelas que o Lula entraria para a história como o maior presidente do país. Ele é uma espécie de Romário da política. Sabe aquele papo de "Deus olhou lá de cima, apontou e disse: esse é o cara"? Ele é escolhido, a história dele é contra todas as possibilidades, *against all the odds*.

Em fevereiro, havia uma crítica entre os analistas de que o governo Lula III não tinha uma marca. Acha que esse problema continua?

Marca é um negócio muito ligado a marqueteiro. Qual foi a marca do Bolsonaro? Nas pesquisas, aparecia o Pix, mas, no geral, não tinha nada. E, mesmo assim, quase ganhou a eleição. Não sei se isso é fundamental. Mas ajuda, claro. O governo, de fato, não tinha uma marca e passou a ter com a defesa da soberania. Mas poderia ter com programas também. O Desenrola é um ótimo programa que foi pouco divulgado. A volta do aumento real do salário mínimo deveriaser mais bem comunicada, já que, com Bolsonaro e Temer, isso não ocorreu. O Pé-de-Meia é muito bom. Acho que a isenção de imposto de renda para quem ganha menos de R\$ 5 mil pode gerar uma marca, precisa pensar em um nome para isso.

O fato de estar engessado por um Congresso hostil e com tanto dinheiro destinado às emendas também não atrapalha o governo?

Essa é uma realidade a que todos temos que nos acostumar. Não vai mudar nunca mais. O Brasil tem um presidencialismo refém do Legislativo. Emenda vai ser muito útil, até o dia em que acontecer uma nova Lava-Jato. A melhor forma de o país melhorar seria caminhando para um parlamentarismo no pós-Lula. Para evitar a *política pop* de cantores e apresentadores. Isso obrigaria o Brasil a girar em torno de partidos. "Ah, mas o Centrão vai ficar 30 anos no poder". Será? O povo vai se adaptar. Hoje, toda crise de popularidade cai na conta do presidente, quando aqueles que comandam Câmara e Senado têm o mesmo poder. Com o parlamentarismo, não vai ter como se esconder. O governo vai ser tocado pelo Hugo Motta, pelo Arthur Lira, pelo Eduardo Cunha, e eles serão cobrados por resultados.

Acha que Lula deveria repetir a chapa com Geraldo Alckmin para 2026?

Acho que não, mas é o que ele vai fazer. Deveria procurar um vice não de São Paulo, mas de Minas Gerais ou de Goiás, onde estarão os adversários.

O governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, não pode ser um adversário de Lula?

Não acredito que venha candidato. Ele é conservador e toma poucos riscos. Tem uma reeleição bem tranquila em São Paulo e 2030 vai ser

QUEM SERÁ O PRÓXIMO PRESIDENTE?



DIVULGAÇÃO

uma reedição de 1989. Esquerda e direita bem divididas e ele sendo governador de São Paulo sairá bem favorito.

Então quem é o nome da direita mais apto a vencer Lula em um segundo turno?

O governador de Minas Gerais, Romeu Zema, é perigosíssimo. Pode atrair o eleitor médio e tem coisa para mostrar de dois mandatos. O povo se identifica com esse jeito medíocre e inofensivo. Só acho que ele não terá *punch* para ir ao segundo turno, sem apoio do bolsonarismo e filiado a um partido pequeno como o Novo. O outro governador da direita que se lançou é o governador de Goiás, Ronaldo Caiado, mas minha percepção sobre ele piorou muito nos últimos meses. Ele passa a imagem de um coronel autoritário, preconceituoso e cafona.

Não acredita no potencial de Eduardo ou Michelle, caso sejam escolhidos por Bolsonaro?

Há muita rejeição contra o sobrenome. No primeiro turno até saem na vantagem contra os governadores, mas depois eles teriam que carregar o sobrenome em um segundo turno, fica mais difícil atrair o eleitor pendular que ora está com a direita, ora está com a esquerda. A marca Bolsonaro acaba afastando.

Ainda acha a economia um tema mais importante que a segurança para eleger um presidente?

Sim, a economia ainda é o fator preponderante para a eleição presidencial. Segurança é muito colada na eleição para governador.

A propósito, esse é o tema que Eduardo Paes, seu cliente, está batendo o tempo todo nas redes. Segurança será o mote da campanha dele para governador do Rio em 2026?

Quem sou eu na fila do pão para responder isso?



DIVULGAÇÃO

MAURÍCIO MOURA

NOME

MAURÍCIO JOSÉ SERPA BARROS MOURA

IDADE

46

FORMAÇÃO

ECONOMIA

O QUE FAZ HOJE

MONTOU UM FUNDO MULTIMERCADO CHAMADO ZAFTRA, QUE INVESTE EM ATIVOS BASEADO EM RESULTADOS DE ELEIÇÕES PELO MUNDO

DESTAQUES DA CARREIRA

FUNDADOR EM 2011 DO IDEIA, INSTITUTO DE PESQUISAS QUE ATUA NO BRASIL E EM OUTROS PAÍSES COMO ÁFRICA DO SUL, ARGENTINA, BOLÍVIA, CANADÁ, COLÔMBIA, ESPANHA, ESTADOS UNIDOS, FILIPINAS, MÉXICO, PANAMÁ, PERU, PORTUGAL, ROMÊNIA, URUGUAI E VENEZUELA

‘É preciso estar atento a um tipo de eleitor. O cara que votou na Dilma, em 2014, no Bolsonaro, em 2018, e no Lula, em 2022. Sim, ele existe. Inflação é um tema muito relevante para esse público’

MAURÍCIO MOURA

Por que você considera mais provável a derrota de Lula em 2026?

Eleição com um presidente no cargo é sempre pautada pela mesma pergunta: merece ou não merece continuar? Foi essa questão que o eleitor respondeu sobre (*Jair*) Bolsonaro em 2022. É isso que estou testando nas minhas pesquisas agora. Lula tem aparecido com 49% das pessoas dizendo que não merece, e 47% afirmando que merece, ou seja, um empate técnico. Essa pergunta contundente hoje é muito mais importante em pesquisas do que números que têm aparecido por aí como o de intenção de votos ou o tradicional aprova e desaprova que muita gente acaba respondendo que "não sabe". O "merece" ou "não merece" tem alto índice de resposta das pessoas.

Se há um empate técnico, também é possível olhar pelo aspecto de Lula ainda ser extremamente competitivo.

Há um copo meio cheio e outro meio vazio, sim. Durante uma campanha eleitoral, quem está na cadeira de presidente costuma melhorar a sua avaliação diante da população. Foi assim com Dilma (*Rousseff*) e Bolsonaro. Deverá acontecer com o PT no ano que vem. Mas Lula precisa ter uma vantagem muito maior na pergunta do "merece" ou "não merece" nos próximos meses porque, lá na frente, o eleitor dele costuma ser o que mais se abstém de votar. Estamos vivendo um fenômeno global e o Brasil não está isolado. A maioria dos eleitos dos últimos anos no mundo tem baixo teto de popularidade. Principalmente após uma disputa definida por 2 ou 3 pontos percentuais, como foi a de 2022 entre Lula e Bolsonaro. Veja o (*Donald*) Trump. Ele já iniciou o mandato com a pior avaliação de um presidente americano. Por aqui, a mesma coisa: dois anos depois, o nível de rejeição ao Lula continua alto.

Mas ele tem a máquina federal na mão e mais dois anos para governar...

Desde 2019, acompanhei 21 eleições em nações democráticas no mundo e em 17 houve vitória da oposição. Ou seja, perdeu quem tinha a máquina na mão em 80% dos casos. É preciso estar atento a um tipo de eleitor. O cara que votou na Dilma, em 2014, no Bolsonaro, em 2018 e no Lula, em 2022. Sim, ele existe. É da classe C, recebe de 2 a 5 salários mínimos e mora na periferia. Inflação é um tema muito relevante para esse público, e ele

QUEM SERÁ O PRÓXIMO PRESIDENTE?

está sentindo o impacto. Além disso, o Lula patinou em segmentos em que sempre foi forte, como o das mulheres, do Nordeste e de baixa renda.

Não foi por causa do erro na crise do Pix no início do ano?

Sim, mas nesse cenário de governantes com teto baixo de popularidade, não há mais margem para o erro. O governo não pode errar. Vivemos em um cenário em que, independentemente do que o político faça, o outro lado já tem uma opinião pré-estabelecida. Há uma dificuldade global de o incumbente ter a agenda percebida por grupos que não votaram nele. Além disso, conversando com economistas, o cenário não é otimista. O quadro é de inflação e juros mais altos para o futuro, o que se agrava na medida em que a maioria dos países já tem problema fiscal e de aumento de preços no pós-pandemia.

A direita indo para uma disputa com vários candidatos não favorece Lula?

‘O segundo turno será sobre o Lula. Merece ou não merece continuar? Será, mais uma vez, uma disputa definida por 2 ou 3 pontos percentuais’

Não acho. Podem haver 300 nomes, quem for para o segundo turno largará com 47% dos votos. O segundo turno será sobre o Lula. Merece ou não merece continuar? Será, mais uma vez, uma disputa definida por 2 ou 3 pontos percentuais.

Dos nomes postos, quem lhe parece mais competitivo?

Acho que Ronaldo Caiado (União Brasil) leva vantagem contra Romeu Zema (Novo) pela estrutura partidária. Tarcísio de Freitas (Republicanos) é sempre um nome. O fato de ser governador do maior estado do Brasil sem ser paulista o ajudaria. Fiz anos de pesquisas, e o brasileiro não acha que a agenda de São Paulo é a melhor para o país.

Mas acha que ele tem coragem de arriscar e ser candidato?

Risco muito alto por ter que enfrentar tantos nomes na direita.

Acho que não vem.

Há espaço para algum *outsider* na disputa?

Vamos fazer uma matemática de padaria? Se houver quatro ou cinco candidatos do mesmo campo, quem tem 15% das intenções de votos está no jogo. Em 2002, José Serra foi para o segundo turno contra o Lula com 23% dos votos no primeiro turno, numa disputa com Anthony Garotinho e Ciro Gomes. Se realmente tiver mais de 10% das intenções de votos, está no jogo, por que não?

Bolsonaro apoiará algum candidato em 2026 ou essa pergunta perdeu a relevância com a condenação no STF?

Perdeu. É claro que ele continua sendo um ator importante, mas deixou de ter o monopólio do campo. Essa diluição da direita o coloca numa posição menor. Não consigo ver Bolsonaro apoiando um terceiro, vejo o ex-presidente indo com alguém do seu entorno. Porém, um candidato com o sobrenome da família atrai mais rejeição.

Você ainda trabalha com o cenário de desistência do Lula, muito especulado quando ele estava mal de popularidade?

Ele é uma pessoa octogenária, pode ser uma hipótese, sim. Mas é o melhor nome, Lula é muito maior que o PT. Não há plano B.

Fernando Haddad seria um bom um plano B?

Colocar alguém como ministro da Fazenda e querer que se eleja presidente depois é criar muita expectativa. Só o FHC conseguiu, por causa do Real. São raríssimos os casos no mundo, veja o caso do Sergio Massa na Argentina (ex-ministro da Economia que perdeu a eleição para Javier Milei em 2023).

Qual o impacto que o tarifaço de Donald Trump na eleição brasileira?

Há um fenômeno interessante que pode estar se formando. Em países como México e Canadá, oposição e situação estão com um inimigo comum e há

QUEM SERÁ O PRÓXIMO PRESIDENTE?



AGÊNCIA BRASIL

um sentimento de patriotismo se formando. Claudia Sheinbaum e Justin Trudeau estavam com problemas internos, e Trump anestesiou as questões de cada um. Se Lula souber usar um discurso unificador, pode se beneficiar.

Mas esse discurso nacionalista do Lula, adotado desde que as sanções foram anunciadas por Donald Trump, terá fôlego até 2026?

Depende muito do desenrolar dessas medidas no ano que vem. Uma coisa é o Trump anunciar sanções agora, outra coisa é se ele se engajar em um bullying contra o Brasil em setembro de 2026. É tudo muito imprevisível.

Mas o governo vem melhorando a popularidade e parece que a mexida na Secom, com a entrada do marqueteiro Sidônio Palmeira começou a apresentar frutos, não?

São melhoras na margem, apenas. O fenômeno é muito mais ligado ao governo parar de despencar do que melhorar efetivamente. Não acho que o problema principal seja de comunicação. Por acaso alguém lembra quem era o Secom do segundo mandato do Lula? A verdade é que o governo tem problemas de entregas, e a comunicação não resolve essas coisas. Inflação, saúde e segurança... Sobre este tema, ainda há outra questão: quem mais rejeita o governo é o eleitor mais escolarizado e com mais acesso aos meios digitais. A disputa já começa desigual na internet, e a questão é apenas minimizar a perda.

Sobre as outras disputas de 2026, o que acha da corrida para o governo do Rio?

Quem for escolhido pelo bolsonarismo será bem votado na Baixada Fluminense e no interior independentemente do nome. Nesses locais, em que Eduardo Paes terá o desafio de reproduzir a coalizão que o elegeu na capital. Essa é a sua principal questão, sair da prefeitura com apenas dois anos de mandato não será problema. Ele já governou por dez anos, ninguém vai deixar de votar nele por isso.

E a corrida pelo governo de São Paulo?

Muito tranquila para o Tarcísio. Ali é um problemão para o Lula: São Paulo tem 22% da população, e ele não tem palanque por lá. A jogada mais inteligente seria colocar o Geraldo Alckmin como candidato, pois

QUEM SERÁ O PRÓXIMO PRESIDENTE?

já foi governador e é reconhecido no interior. Mas é improvável que ele queira e, assim, o Márcio França ganha chances. Agora, se o Tarcísio vier como candidato presidente, a disputa fica aberta.

E a eleição para o Congresso?

Será de altíssima continuidade. O Centrão vai concentrar as vitórias, e os resultados vão seguir os mapas das eleições de prefeitos de 2024. Hoje, já vivemos uma espécie de “semipresidencialismo” no Brasil, mas há uma leitura internacional interessante sobre isso, e ela não é negativa. Eu, que moro no exterior há anos, posso dizer: quem olha o país de fora, acha que é justamente essa configuração de Parlamento que impede o Brasil de ter radicais. Não importa se é a esquerda ou a direita governando, o mesmo grupo do Centrão continua no poder. Desta forma, somos vistos como um país previsível, por incrível que pareça.



DIVULGAÇÃO

MARCOS CARVALHO

NOME

MARCOS AURÉLIO CARVALHO

IDADE

42

FORMAÇÃO COMUNICAÇÃO

O QUE FAZ HOJE

É DONO DA AM4, EMPRESA DE COMUNICAÇÃO QUE ATUA PARA FIGURAS PÚBLICAS E NO SETOR PRIVADO

DESTAQUES DA CARREIRA

COORDENOU O MARKETING DIGITAL DA CAMPANHA VITORIOSA DE JAIR BOLSONARO À PRESIDÊNCIA EM 2018

‘O Brasil caminha para uma eleição onde a direita terá um candidato favorito, sim. Mas o quadro não é irreversível para Lula ainda. O problema é que o Planalto não tem uma comunicação digital eficiente’

MARCOS CARVALHO

Na entrevista que concedeu em fevereiro, o senhor achava que Bolsonaro não seria preso e que o ex-presidente não escolheria alguém de fora da família para sucedê-lo. Meses depois, mantém a sua opinião?

Disse, naquela época, que Bolsonaro manteria a própria candidatura até o último minuto por vaidade, mas as circunstâncias mudaram. A agenda do julgamento no Supremo ficou mais rápida e mais dura depois do tarifaço. Bolsonaro foi condenado muito antes da possibilidade de desincompatibilização do Tarcísio de Freitas, e assim ele passou a ocupar um lugar que antes eu não acreditava.

Mas Bolsonaro ainda não anunciou nada e Eduardo está dizendo que, se Tarcísio for escolhido, vai deixar o PL.

Mas a pressão da política passou a ser muito forte. Se a condenação tivesse ocorrido depois de 31 de março de 2026, último dia para Tarcísio sair do governo de São Paulo, Bolsonaro daria uma solução familiar e dane-se a direita. Agora, com tempo para pensar, ele vai ver que colocar um familiar na chapa presidencial é perder um nome no Senado. Principalmente agora que está ficando cada vez mais claro que Eduardo não virá por São Paulo. Então, o mais possível é Michelle vir ao Senado por Brasília, Carlos por Santa Catarina, e Flávio pela reeleição no Rio.

Talvez um familiar para vice de Tarcísio?

Acho mais provável alguém da federação União Brasil e PP como o senador Ciro Nogueira.

Tarcísio defendeu dar indulto para Bolsonaro no primeiro dia de governo. Isso não pode tirar votos em uma eleição?

Pode ser um fator de rejeição, sim. Mas ele tomou um risco necessário para ser candidato e não criar nenhuma indisposição com o Jair. Não tem problema para Tarcísio estar brigado com o Eduardo, ele já virou controverso para muita gente depois de xingar o próprio pai.

Outros nomes se lançaram candidatos pela direita como Romeu Zema e Ronaldo Caiado. O que pensa dos dois?

Zema tem um problema político, não está sendo bem-sucedido na

QUEM SERÁ O PRÓXIMO PRESIDENTE?

consolidação do seu projeto no seu próprio reduto. Em 2024, não elegeu prefeitos em Minas Gerais, perdeu na capital e, hoje, nem sequer parece ter um sucessor claro. Já Caiado pode ser um nome viável por ter perfil de gestor, bom trânsito no agronegócio e um discurso moderado que não repele o centro.

Você crava, portanto, que a direita vencerá em 2026 como afirmou no início do ano?

O Brasil caminha para uma eleição onde a direita terá um candidato favorito, sim. Mas o quadro não é irreversível para Lula ainda. O problema é que o Planalto não tem uma comunicação digital eficiente. O governo fala muito, mas não se conecta. O eleitorado digital não quer discursos longos e técnicos, mas mensagens diretas, com *storytelling* envolvente.

Mas a popularidade melhorou depois do tarifaço...

O governo passou a ter uma causa. Primeiro, ele foi eleito para tirar o Bolsonaro e, depois do 8 de janeiro, tinha que estar no Planalto para manter a democracia. Depois que passou o primeiro ano, acabou se perdendo porque focou nos programas de governo do passado. Ficou uma

administração sem propósito. Agora, voltou a ter um mote. E, se isso vai permanecer, vai depender muito da reação dos Estados Unidos nos próximos meses.

‘O governo passou a ter uma causa. Primeiro, ele foi eleito para tirar o Bolsonaro e, depois do 8 de janeiro, tinha que estar no Planalto para manter a democracia’

Acha que a popularidade também melhorou por causa daquele discurso de pobres versus ricos retomado por Lula?

Isso não. Acho que esse discurso funcionou apenas para um núcleo da bolha de esquerda, não para o Brasil todo.

No início da era Sidônio Palmeira na Secom, Lula também voltou a ter agendas pelo Brasil com discursos longos e entrevistas para rádios locais, mas parece que não vinha fazendo efeito. Foi um erro essa estratégia tão tradicional?

O problema não é o rádio ou o palanque.

O problema é que não tinha um corte depois dessa fala, e a mensagem carecia de tração. Em dois anos, o governo não construiu uma rede de influenciadores orgânicos e depende da grande mídia, que perdeu influência no cenário digital. As novas gerações consomem informações via TikTok e Instagram, mas o governo insiste em um formato de comunicação que não dialoga com esse público. No Brasil, o TikTok ultrapassou o Google como ferramenta de busca entre jovens de 18 a 24 anos. Além disso, há ainda um problema de mensagem central em várias áreas.

E o caso do Pix acabou sendo um divisor de águas...

Foi uma anomalia, uma tragédia. Será usado até o último dia contra o governo. Mas não é só isso. O PT não é mais o Partido dos Trabalhadores, e isso é um problema. O Brasil mudou. O trabalhador de hoje não é o operário sindicalizado da década de 80. Viramos um país de pequenos empresários, MEIs, autônomos, prestadores de serviço, profissionais liberais, e esse público não se identifica mais com o PT. A esquerda ainda fala de emprego com carteira assinada, mas o Brasil real vive de trabalho informal, aplicativos, empreendedorismo digital. A nova geração não busca estabilidade, busca oportunidade. O governo não pode prometer um “emprego seguro”, mas precisa garantir um ambiente favorável ao crescimento individual.

Além da economia, acha que algum outro tema pode ser relevante na campanha do ano que vem?

Segurança. Na minha opinião, será o maior fator de decisão na eleição de 2026, especialmente para as classes C e D, que vivem diretamente os efeitos do aumento da criminalidade. A direita no mundo se apropriou desse tema de forma eficaz, enquanto a esquerda ainda não conseguiu construir uma narrativa convincente sobre segurança.

Te perguntei em fevereiro e repito: Lula pode acabar desistindo da disputa para não perder e manchar a biografia?

Até existe um talento no campo progressista que não é para agora: o prefeito do Recife, João Campos. Fora isso, mesmo com tantos problemas, Lula é o único candidato. Não existe outra pessoa.

QUEM SERÁ O PRÓXIMO PRESIDENTE?



DIVULGAÇÃO



DIVULGAÇÃO

PAULO VASCONCELOS

NOME

PAULO VASCONCELOS ROSÁRIO NETO

IDADE

65

FORMAÇÃO

COMUNICAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

O QUE FAZ HOJE

CONSULTORIA PARA POLÍTICOS E INICIATIVA PRIVADA

DESTAQUES DA CARREIRA

INTEGROU A EQUIPE QUE BOLOU A PRÉ-CAMPANHA PRESIDENCIAL DE FERNANDO COLLOR PARA PRESIDENTE, EM 1989, E FOI O ESTRATEGISTA DA CAMPANHA PRESIDENCIAL DE AÉCIO NEVES CONTRA DILMA ROUSSEFF, EM 2014. VENCEU AS DISPUTAS PARA O GOVERNO DO RIO COM CLÁUDIO CASTRO, EM 2022, E PARA A PREFEITURA DE BELO HORIZONTE COM FUAD NOMAN, EM 2024

**‘Lula chegará aos 80 anos,
quer seguir respeitado
e querido por onde
passa. Por outro lado,
não enxergo ninguém
competitivo para o lugar.
Fernando Haddad já virou
fatura liquidada’**

PAULO VASCONCELOS

Após o julgamento da trama golpista, o governador de São Paulo Tarcísio de Freitas se movimentou muito e deu a entender que quer ser o nome de Bolsonaro para ser o candidato a presidente da direita. Será ele o escolhido pelo ex-presidente?

Essa é aquela hora que você quer que tenhamos bola de cristal, né? Acho que Tarcísio tem surpreendido muita gente fazendo o dever de casa. Ele se mantém leal a Bolsonaro, mas tendo nome e sobrenome. Isso é muito necessário para quem tem a temperatura dos novos tempos. Não existirão mais bonecos. Seja no Dnit, seja como ministro e agora como governador, ele terá entregas para mostrar. Claro que Bolsonaro pode insistir numa candidatura, colocar um filho ou a ex-mulher... Nesse capítulo “bola de cristal”, tudo pode. Mas, respondendo à sua pergunta: está claro para mim que o bolsonarismo vai precisar do Tarcísio. Ele precisará ser candidato.

Após a condenação, a prisão de Bolsonaro ainda este ano vai acuá-lo ou vitimizá-lo ainda mais diante da população?

Acho que há um problema maior que atrapalha hoje em dia a legitimidade de decisões da Justiça: a perda de respeito do Judiciário perante a sociedade nos últimos anos. Ao mesmo tempo em que tivemos catástrofes políticas como o Mensalão, o Petrolão e o 8 de Janeiro, também lemos manchetes de jornais com os supersalários entre os juízes, ou todo um noticiário envolvendo a lentidão judicial e até mesmo os casos em que bandidos são soltos.

E leva fé em outros candidatos da direita?

Acho que Ronaldo Caiado e Romeu Zema não deveriam ficar tão encantados. Podem pontuar agora, mas, na hora da onça beber água, pode não ser tão animador o cenário. Para Zema, principalmente: em 2018, o marqueteiro dele foi a Lava-Jato. Em 2022, não teve adversário, o Alexandre Kalil (*ex-prefeito de Belo Horizonte*) simplesmente não se preparou para a campanha. Ele vai ter que explicar a dívida de Minas, que hoje é o dobro de quando ele assumiu. O ano já teve o momento dos *outsiders*, mas também já ficaram para trás. Pablo Marçal ficou inelegível, dificilmente poderá concorrer. E o cantor Gustavo Lima... Bem, nunca consegui imaginar aqueles dentes brancos e aquela barba preta na TV falando de saúde pública. Passaria aperto se fosse a debate. Acabou desistindo.

QUEM SERÁ O PRÓXIMO PRESIDENTE?

Tarcísio não se posicionou mal no início da crise do tarifaço, sendo ambíguo nas declarações?

Pelo contrário, acho que trilhou o caminho certo. Posicionou-se de maneira dura contra o presidente Lula e falou para a bolha. Ao mesmo tempo, agiu como um líder propondo soluções para o impasse. Acabou ganhando um presente do Eduardo Bolsonaro quando foi atacado. Ficou com posição de estadista e ao mesmo tempo mostrou-se leal ao ex-presidente.

Mas a guerra aberta com Eduardo não pode gerar um candidato bolsonarista mais radical que ele no ano que vem?

Acho essa uma discussão inócua. Quem vai dar palanque para esse suposto candidato? Os donos do Brasil de hoje vão deixar algum partido dar a legenda? Falo de Gilberto Kassab, Valdemar da Costa Neto, Baleia Rossi, os caciques de PP e União Brasil. Essa turma é pragmática.

Durante o ano, Lula cometeu várias gafes que foram alvo de críticas. O presidente tem que falar mais ou menos em um ano de problemas na popularidade?

Botar o Lula para falar será sempre uma força. Agora, é preciso lidar com os novos tempos, e o presidente e o PT precisam perceber que envelheceram. Primeiro, é necessário reaprender a falar em eventos. Não existe mais o discurso em sindicato fechado. Menos espontaneidade e menos improviso talvez sejam importantes.

‘Botar o Lula para falar será sempre uma força. Agora, é preciso lidar com os novos tempos, e o presidente e o PT perceber que envelheceram’

Mas isso não tira um dos principais ativos de carisma do presidente?

De vez em quando, é bem-vindo algo fora do roteiro, sim. Mas o principal é que ainda percebo muita mágoa e coisas ditas com o fígado pelo presidente. Ao longo do ano, notei uma narrativa às vezes um pouco irritada, nada doce. Esse

não foi o Lula que venceu a eleição em 2002. O que ganhou naquele ano foi o cara que botou grávidas na TV, tocando o coração das pessoas. Grande parte da derrota do (*Jair*) Bolsonaro foi pela boca. Imagine uma hipótese: se pudéssemos ter trancado Bolsonaro num quarto na pandemia sem poder falar, teria sido fácil vender na campanha um governo que comprou milhões de doses da vacina. Como ele fez questão de tirar sarro da dor das pessoas, perdeu a eleição.

Insistir na comparação com Bolsonaro é outra estratégia do Lula desde o início do governo. Acha uma boa ideia?

Não acho. Acho correto o movimento de comparar os tempos. Agora, para fazer isso não precisa soprar a brasa e citar o nome do Bolsonaro. Mas é importante, sim, falar dos dados e relacionar com as administrações passadas. É dizer que "nos últimos anos". Jamais mencionando o cara.

Não há um certo discurso cômodo na esquerda de dizer que a direita vence o debate virtual porque trabalha com fake news?

Acho que nunca houve no Brasil uma narrativa de oposição tão bem estruturada desde o primeiro dia de governo como agora. É o caso do Pix, é o ovo caro, tudo isso bem contado para a população gera um desgaste muito grande. É preciso plano de comunicação, sei que parece o mesmo papo de sempre, mas não é. O governo tem que ter cabeças pensantes, trabalhar com formulação, ser servido por boas agências.

Lula passou boa parte do mandato requeitando anúncios de programas na TV, e não rendeu frutos. Concorde com a tese de Felipe Nunes, da Quaest, de que há uma espécie de "fim da gratidão" do eleitor?

Funciona mais ou menos assim: Santos Dumont não venceria uma eleição hoje porque inventou o avião. Ou seja, os programas sociais não pertencem mais ao Lula. Pertencem ao país. Os últimos governos de Dilma Rousseff a Jair Bolsonaro prometeram manter ou ampliar o Bolsa Família, por exemplo. Há um empoderamento das pessoas, que se afastaram da dependência do Estado. Vai ser preciso criar uma nova narrativa para alcançar o quarto mandato, ter novos produtos.

QUEM SERÁ O PRÓXIMO PRESIDENTE?



DIVULGAÇÃO

No Brasil, atravessamos uma eleição de altíssima taxa de reeleição municipal, os governadores estão bem avaliados, mas o presidente da República, não. Por que essa diferença entre aqueles que estão sentados nas cadeiras do Executivo?

Prefeitos e governadores têm entregas mais próximas da população, como ruas, estradas e pontes. Já as questões nacionais acabaram impactando mais a vida das pessoas, como a inflação.

Chama a atenção como até a segurança pública, sempre atribuída aos governadores, virou fator de desgaste para o Planalto...

Pegou como uma marca do antipetismo. Há uma imagem do PT passando a mão na cabeça de bandido, a favor dos direitos humanos. Antigamente, esse assunto só era tratado pelos mais sofisticados. Agora, não. Os segmentos C, D e E são os que mais tratam do tema. Acaba que a classe média consegue arrumar um jeito de se defender.

Há uma tese defendida por alguns de que a primeira-dama Janja vinha atrapalhando a imagem do governo. Concorde ou discorde?

Vejo muito mais como um incômodo do *establishment*. Não gostam de vê-la dando pitaco. E acho também que é mais inveja, um cara mais velho com uma mulher mais nova.

Lula ainda pode desistir de ser candidato?

Claro, estamos falando da alma humana. Ele chegará aos 80 anos, quer seguir respeitado e querido por onde passa. Por outro lado, não enxergo ninguém competitivo para o lugar. Fernando Haddad já virou fatura liquidada.

Vamos falar dos estados. Começando pelo Rio, onde você ajudou a eleger o último governador. Cláudio Castro está em maus lençóis para eleger um sucessor e Eduardo Paes é o favorito?

Acho que a turma aliada do governador está apostando em uma equação que não vai funcionar bem assim. É mais ou menos isso: "A grande fraqueza de Eduardo Paes será estar associado à esquerda no interior, e o Rio é o estado mais evangélico do Brasil". Só que a última campanha do Paes no Rio foi um divisor de águas, na minha opinião. Ele conseguiu se

QUEM SERÁ O PRÓXIMO PRESIDENTE?

posicionar como alguém de centro. Não estou dizendo que não vai ter tensão para ele no interior, claro que vai. Mas o projeto dele vem com consistência faz tempo. Atacar o Cláudio na campanha para prefeito já foi bastante estratégico. Paes hoje não tem oposição no estado, e quem quiser fazer isso tem que começar agora. *(Alexandre)* Ramagem só começou a ser opositor quando a TV começou, em agosto *(Paulo Vasconcelos também coordenou a campanha do deputado do PL)*. É preciso pesquisar dados e criticar o governo Paes de maneira consistente.

O presidente da Assembleia Legislativa, Rodrigo Bacellar, é uma boa escolha do grupo de Castro para sucedê-lo?

Primeiro, Cláudio precisa ser melhor avaliado e, para isso, tem que dar uma arrumada na sua comunicação. Ele fez uma única campanha de balanços do governo até agora, e mesmo assim dentro da disputa eleitoral para prefeito. Essa ausência de conversa com o eleitorado provoca desgaste. Sobre os nomes: Bacellar tem trajetória de político no Legislativo, porém vai ter que trabalhar no campo das promessas. Tendo a achar que quem tem entregas a mostrar e conexão com a história que será contada tem mais chance de performar. Nesse sentido, o Washington Reis *(ex-prefeito de Duque de Caxias)* poderia aparecer mais *(o emedebista hoje está inelegível devido a uma condenação colegiada por crime ambiental)*.

Castro deveria renunciar em abril do ano que vem para se candidatar a algo ou concluir o seu mandato?

Deveria ser candidato. Qualquer governador do Brasil não deveria deixar de ter a proteção de um cargo eletivo.

Em Minas Gerais, Zema vai eleger o sucessor ou a direita rachada vai dificultar a vida do governador?

Acho que a candidatura do senador Cleitinho vai ajudar o Matheus Simões *(vice-governador de Zema e pré-candidato ao governo)*. Ele é uma espécie de Celso Russomano mineiro, não vai ter uma argumentação estruturada. Matheus vai poder se posicionar ao centro e falar das realizações do governo. Ele é muito técnico e preparado.

Rodrigo Pacheco, Alexandre Silveira ou Alexandre Kalil podem ser bons adversários?

Não vejo Pacheco querendo, está escondido viajando por EUA e Europa. Silveira está vivendo demais o governo e Brasília, está muito distante do dia a dia de Minas. Já Kalil vai precisar repactuar sua relação com a política, e não estou vendo nada disso acontecer.

Falando de São Paulo, está claro que você considera que Tarcísio virá a presidente. Sendo assim, como fica a sucessão?

A regra em São Paulo é a centro-direita ganhar. Não consigo enxergar um cara de Ribeirão Preto votando na esquerda. Não vão entrar no rodeio, vão ser expulsos da cidade.

Ricardo Nunes está se movimentando para ser o nome...

Não acho que tenha musculatura para deixar a prefeitura e dar um voo mais alto. Acho que o sucessor pode ser um *outsider* abençoado por Tarcísio. Olho também para o ex-governador Rodrigo Garcia. Mas, de novo: tem que ser abençoado. O sucessor será alguém apontado por Tarcísio.

Um Gilberto Kassab bolsonarista não pode vingar como governador?

Kassab é inteligente. O bastidor é melhor que a vitrine.

E o campo lulista pode vir de Geraldo Alckmin?

Cheguei a testar o Alckmin em 2022 para governador e o resultado já não era bom. Também não acho o Márcio França competitivo. Sinceramente, acho que quem o Tarcísio colocar a mão, leva.



DIVULGAÇÃO

JOÃO SANTANA

NOME

JOÃO CERQUEIRA DE SANTANA FILHO

IDADE

72

FORMAÇÃO

JORNALISMO E PUBLICIDADE

O QUE FAZ HOJE

CONSULTORIA PARA POLÍTICOS E EMPRESAS PRIVADAS

DESTAQUES DA CARREIRA

VENCEU AS CAMPANHAS PRESIDENCIAIS DE 2006, COM LULA, E 2010 E 2014 COM DILMA ROUSSEFF. EM 2022, FOI O RESPONSÁVEL PELA CAMPANHA DERROTADA DE CIRO GOMES PARA O PLANALTO

**‘Não queria estar na
pele do Tarcísio (de
Freitas, governador de
São Paulo). Tem tudo
para ser candidato, mas
pode receber um abraço
de afogado do Bolsonaro.
Ele tem ido bem até
agora, mas o equilíbrio
vai ficar mais precário
com o tempo’**

JOÃO SANTANA

É mais difícil para Lula melhorar a popularidade hoje ou nos tempos do mensalão?

Não acho que a situação dele seja terminal, mas vejo como bem profundas as diferenças entre os tempos, o que torna a missão de reverter a crise de popularidade muito mais difícil. Hoje temos a politização caótica e superficial das redes sociais, o crescimento dos evangélicos; “a política judicializada”; o Centrão como fiel da balança; “a conjuntura mundial” delicada. Nada disso existia em 2005.

No PT, muitos defendem que o governo faça uma guinada à esquerda, enquanto entre analistas e na base aliada há uma cobrança por maiores sinalizações para uma agenda de centro. Qual o melhor caminho para chegar competitivo em 2026?

Não tenho a menor dúvida que à esquerda. Tanto para vencer no ano que vem, quanto para resgatar a biografia do Lula. Fiz a campanha do Fernando Haddad em 2012 para a prefeitura de São Paulo, acho uma figura extremamente cordata, mas houve uma acomodação muito grande dele com o setor financeiro e os defensores de políticas fiscalistas. O que é o Brasil de hoje? De um lado, uma esquerda moderada clientelista; de outro, uma direita selvagem e antidemocrática. O equilíbrio não é a busca por um centro amorfo. Se for por aí, Lula não tem condições de vencer em 2026. Isso não é papo de esquerda defasada, não. Em alguns momentos é, sim, necessário partir para alguns enfrentamentos. E já está ficando tarde para fazê-los.

A que tipo de enfrentamentos o senhor está se referindo?

Um exemplo. Há uma amnésia do governo com relação à escala 6x1. Devia estar na linha de frente das iniciativas do Planalto. Mas, se você teme reações de corporações, não vai fazer. Aí voltamos ao Haddad. Faltam elementos de agilidade, de força carismática e coragem de tomar certas atitudes. Taxação de dividendos e de grandes fortunas são outras ideias. No caso de lideranças já testadas, como o Lula, as crises se aprofundam quando reforçam uma sensação de *déjà vu*, junto com cargas de monotonia e de sentimento de beco sem saída. Este é o terrível labirinto das insatisfações coletivas. Quando se entra nele, um governo deixa de viver apenas uma crise e passa a viver uma tragédia de imagem. Acho que, se ele não melhorar a avaliação entre seis e oito meses, pode, sim, desistir de concorrer.

QUEM SERÁ O PRÓXIMO PRESIDENTE?

Lula até falou da escala 6x1 no 1º de maio e partiu para um discurso de pobres versus ricos. É pouco?

Achei pouco, sim. Mas o discurso de soberania que Trump entregou de bandeja colocou de novo a faca e o queijo na mão do governo. Afinal, o discurso de soberania está muito mais ligado à esquerda do que à direita. A questão é que dificilmente esse discurso terá fôlego para o ano que vem. Não será uma chama permanente.

Então, resolver o problema da inflação e da comunicação governamental não será suficiente para Lula recuperar os índices de popularidade?

Falar só de economia e comunicação é uma rota de fuga perigosa e equivocada. As crises de imagem são profundas quando atacam, simultaneamente, os sentimentos de confiança, esperança, admiração e as

expectativas. Ainda é cedo para saber se é isso que está ocorrendo com Lula, mas há indícios apontando nessa direção. Algumas pesquisas qualitativas, já na campanha de 2022, mostravam um certo cansaço dos próprios eleitores do Lula com ele. Era desconforto com o tom da voz, com a postura corporal. Pode estar havendo uma fadiga de material. Em 2005, a crise foi moral, e, naquela época, falávamos muito do “efeito teflon no Lula, que nada pegava nele, que era protegido. Pode ser também que isso esteja diminuindo. Naquele ano, ele era uma novidade. Tinha ímpeto. E, principalmente, tinha uma equipe ao redor.

‘CO discurso de soberania que Trump entregou de bandeja colocou de novo a faca e o queijo na mão para o governo. A questão é que dificilmente esse discurso terá fôlego para o ano que vem’

Falando em equipe, o senhor acha que o entorno atual fala para ele o que verdadeiramente pensa dos assuntos ou são pessoas que só bajulam o presidente no dia a dia?

Sobre a equipe ministerial atual, não tenho muito o que dizer, só sei o que leio nos jornais. Mas, de fato, no meu tempo e nos momentos mais agudos, ele trocava muito com Antonio Palocci, Luiz Dulci, Luiz Gushiken, Gilberto Carvalho.

E Lula por acaso é um líder que sabe ouvir verdades dos subordinados?

Depende do momento. Sempre digo que um dos grandes desafios de qualquer marqueteiro é o de não se apaixonar pelo cliente. Vale para o entorno. A proximidade sempre tira o poder crítico. Em algumas situações, Lula é mais difícil e acaba agindo como uma figura mercurial. Mas, como qualquer ser humano, quando passa por dificuldades, ele fica mais propenso a ouvir, mesmo quando o que escuta não agrada. Foi a situação ao longo do primeiro semestre.

Muitos petistas afirmam que Lula passou a ser mais teimoso e a pensar menos no que fala por toda a mágoa gerada pelos 500 dias de prisão. O que acha desta visão?

A Lava-Jato pode, sim, ter gerado um choque pós-traumático que levou ao rancor. Mas isso também poderia ter se manifestado de outra forma: em um governo mais audacioso e ousado. Desde o início do mandato, Lula preferiu um jogo de transferir culpas: escolheu os juro e o Roberto Campos Neto como alvos. Também ficou perturbado demais com o 8 de Janeiro. Fazendo uma brincadeira aqui, o 8 de Janeiro tinha que ter durado no máximo até 8 de março, mas acabou durando até 8 de dezembro nos discursos. Ficou monotemático falar disso e de Bolsonaro o tempo todo. Eu entendo que o Bolsonaro é muitas vezes um cabo eleitoral do Lula. Mas não precisa falar dele nessa intensidade. Houve uma overdose desse argumento. O país é muito maior do que isso, a ansiedade das pessoas está bem acima dessa polarização.

Houve um momento da crise do Mensalão em que Lula se recolheu e falou menos. Diante de tantas declarações que repercutem mal, não é o caso de dosar mais as aparições?

Ele é um grande ativo de comunicação, mas não pode ser o único. Achar que colocá-lo para falar mais é uma bala de prata que pode ter efeito contrário. Lembro que, no primeiro comício que Lula fez em 2006, conseguimos

QUEM SERÁ O PRÓXIMO PRESIDENTE?



WILL SHUTTER

convencê-lo a usar teleprompter na comunidade Brasília Teimosa, em Recife. Já imaginou fazer o Lula não falar de improviso numa favela? Fizemos outras vezes. Foi um acordo para controlar o ímpeto emocional e os desvios do ponto de vista das expressões e do jogo metafórico que ele gosta de fazer.

A primeira-dama, Janja, atrapalha a imagem de Lula, como pregam alguns aliados?

Se não atrapalha, também não ajuda. Entendo, no entanto, que esse tema é carregado de preconceito por causa da personalidade dela. Cada pessoa é de um jeito. Dona Marisa Letícia era mais discreta. Até tentei convencê-la a ter uma ação mais política, mas ela optou pelo ostracismo político.

Do lado da direita, quem será o adversário de Lula na sua opinião?

Depende do Bolsonaro. Ele é imprevisível, capaz de tudo. Não queria estar na pele do Tarcísio (*de Freitas, governador de São Paulo*). Tem tudo para ser candidato, mas pode receber um abraço de afogado do Bolsonaro. Ele tem ido bem até agora, mas o equilíbrio vai ficar mais precário com o tempo. Com Bolsonaro preso, o que ele vai fazer? Continuará indo em manifestações e colocando boné? Agora, por incrível que pareça, acho que a Michelle Bolsonaro seria uma candidata mais forte do que Tarcísio.

Por quê?

Governadores de São Paulo sempre tiveram dificuldades de se eleger. O Brasil é desconfiado do poder concentrado nos paulistas. A cadeira é uma âncora que puxa para baixo. Michelle tem mais carisma e é muito religiosa. Por outro lado, dificilmente Bolsonaro deixará isso acontecer. É uma intuição, mas o machismo dele não permitirá o lançamento dela.

Há mais nomes da direita no cardápio de opções...

Não acho. É só Tarcísio ou Michelle. (*Romeu*) Zema não aguenta um confronto. É um queixo de vidro em qualquer embate vigoroso. (*Ronaldo*) Caiado terá dificuldades de galvanizar segmentos da sociedade.

A direita vai explorar a segurança pública nos discursos. Por que a esquerda negligencia tanto o tema?

O governo só pensa em economia e acaba não dando uma resposta

QUEM SERÁ O PRÓXIMO PRESIDENTE?

política ou apenas simbólica nessa área. O Bolsonaro fez algumas fanfarronices na segurança, mas nem isso o PT tentou. E isso sempre foi uma opção. Lula e Dilma nunca admitiram a atuação do governo federal nesse setor. Sempre usaram o escudo de que essa era uma responsabilidade dos estados. Havia uma espécie de consciência de que o problema da violência nunca seria resolvido, e que era melhor desviar o assunto para outras carências da população.

Em 2002, seu ex-sócio Duda Mendonça pregava que candidato que bate não ganha. Em tempos de polarização e embates duríssimos, essa receita ficou para trás?

Isso é um equívoco desde sempre. É evidente que fazer uma campanha positiva é muito melhor. Para os candidatos, para o ambiente social e para as coronárias do marqueteiro. Agora, muitas vezes é preciso ir para o combate. A eleição do ano que vem será das mais disputadas da História.

O senhor sempre foi muito cobrado pela propaganda em que insinuava que a proposta de autonomia do Banco Central de Marina Silva, em 2014, poderia tirar a comida do prato dos brasileiros. Há diferença entre essa estratégia e as fake news utilizadas hoje em dia nas redes?

Trabalhei na época com exagero de retórica, dramatização cinematográfica, mas aquilo não foi fake news. Havia um movimento de países pobres europeus na ocasião contra os juros do Banco Central do continente, alegando que aquele aumento poderia gerar fome. Sabe qual a diferença para o que aconteceu agora na crise do Pix? Para rebater o Nikolas Ferreira, a Erika Hilton foi para o confronto e gravou um vídeo com milhões de visualizações para rebatê-lo. Marina preferiu se fazer de vítima ao invés de reagir. Na política, os dois lados mentem e falam a verdade, e há manipulação de parte a parte. É uma linha tênue sempre.



GABRIEL REIS

RENATO MEIRELLES

NOME COMPLETO

RENATO DE OLIVEIRA MEIRELLES

IDADE

47

FORMAÇÃO

PUBLICIDADE

O QUE FAZ HOJE

É DONO DO INSTITUTO LOCOMOTIVA E INTEGRANTE DO CONSELHO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL

DESTAQUES DA CARREIRA:

FUNDOU O INSTITUTO DATA FAVELA E ESCREVEU OS LIVROS “UM PAÍS CHAMADO FAVELA” E “COMO SER UMA EMPRESA ANTIRRACISTA”

‘Até 2026, leis podem ser aprovadas, políticas públicas de meio de mandato estão sendo lançadas... O Brasil já teve facada, queda de avião. Dito isso, sem medo de errar, considero Lula favorito em 2026. Ele terá a máquina no ano que vem’

RENATO MEIRELLES

Quase todos os meus entrevistados nos últimos meses previram uma derrota de Lula em 2026, depois das pesquisas mostrarem que o petista despencou em popularidade do ano passado para cá. Você tem dito que pensa o contrário nas suas apresentações. Gostaria de saber o motivo de nadar contra a corrente...

Quem diz que sabe o que vai acontecer dois anos antes da eleição está mal informado ou tem má-fé. Política não é ciência exata, é ciência humana. Até 2026, leis podem ser aprovadas, políticas públicas de meio de mandato estão sendo lançadas... O Brasil já teve facada, queda de avião. Dito isso, sem medo de errar, considero Lula favorito em 2026. Ele terá a máquina no ano que vem.

Seu colega Maurício Moura, fundador do Ideia, levantou que os incumbentes perderam em 17 das últimas 21 eleições pelo mundo. O poder da máquina não perdeu força?

O Brasil tem características muito próprias. Veja a eleição municipal que vivenciamos em 2024. Foi um recorde histórico de reeleições. Com toda a rejeição que teve em 2022, alguma dúvida que Bolsonaro venceria a eleição daquele ano se não fosse contra o Lula? Ele já foi preso, ganhou três vezes para o Planalto, deveria no mínimo ter o benefício da dúvida de quem analisa. Acho que haverá tempo para o Lula recuperar a perda de popularidade que ocorreu no Nordeste e entre as mulheres. Não estou dizendo que é fácil, mas são pessoas que querem gostar dele.

Durante o ano, o patamar dos eleitores que não queriam que Lula fosse candidato à reeleição em 2026 chegou a passar de 60% nas pesquisas da Quaest...

Certo, mas tão importante quanto entender as demandas dos eleitores, é compreender as ofertas apresentadas. Eleição é um processo relacional. As pessoas não decidem em cima do que elas querem, mas sim do que elas não querem. Eu estou assistindo à direita cometendo os mesmos erros que a esquerda em 2018. Mesmo inelegível, Jair Bolsonaro passou o ano dizendo que vai registrar a candidatura no Tribunal Superior Eleitoral (TSE), assim como o Lula fez. Ou seja, mesmo sendo moderado, o candidato que a direita vai lançar precisará embarcar nessa e topar ser vice dele até a hora que o cabeça de chapa mudar? É uma cilada montada. Esse nome vai herdar a rejeição do Bolsonaro. Outro ponto: o tema da

QUEM SERÁ O PRÓXIMO PRESIDENTE?

anistia vai virar tema de campanha. As pessoas vão votar em alguém que vai tirar o Bolsonaro da cadeia?

Não acha que está subestimando a capacidade de a prisão de Bolsonaro mobilizar as ruas?

Acho que só vai emocionar os jornais. Igual ao período em que o Lula foi preso. Claro que teremos os radicais, pode ter acampamento como em Curitiba. Mas esse tema só vai servir para colar mais ainda a rejeição do Bolsonaro ao candidato da direita.

O governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, se vende como um político da centro-direita moderada. Ele não conseguiria escapar dessa rejeição?

Enquanto Tarcísio não pontuar de maneira relevante na pesquisa espontânea, ele não pode ser considerado viável. Essa é aquela época do ano em que marqueteiros querem ganhar contas. Estão dizendo para ele que, embora seja desconhecido no Brasil, quem o conhece, o adora. É blá-blá-blá de pré-campanha. Deixa uma campanha eficiente vir e colar o Bolsonaro nele para você ver o que vai acontecer...

‘Enquanto Tarcísio não pontuar de maneira relevante na pesquisa espontânea, ele não pode ser considerado viável’

Tarcísio está caindo numa cilada ao entrar de cabeça na articulação pela anistia de Bolsonaro agora?

Acho que ele está calculando que é melhor trabalhar por isso agora do que ter que defender o indulto durante uma campanha. É melhor pagar o preço e contratar uma rejeição agora do que em agosto e setembro do ano que vem. No entanto, acho curioso as pessoas apostarem na racionalidade do bolsonarismo para escolher o melhor candidato. Repito o que disse antes: se Bolsonaro registrar a candidatura no TSE, Tarcísio vai participar do teatro de ser vice como Fernando Haddad fez em 2018?

Estão esquecendo do cenário em que Tarcísio fica em São Paulo, Bolsonaro não lança ninguém e vários nomes da direita na faixa dos 15% dos votos se lançam contra Lula.

Afinal, por que acha que o presidente Lula perdeu popularidade nos últimos meses?

Acho que há uma dificuldade de transformar benefícios econômicos em potencial de voto. Claro que a inflação do ovo e do café teve a ver com isso, mas não foi o único fator. Pontuaria dois aspectos mais profundos: o primeiro deles tem a ver com o consumo das famílias. Embora a renda das pessoas esteja crescendo, boa parte do dinheiro da economia está indo para as bets. Acho que o governo demorou a tratar esse assunto com seriedade, são R\$ 240 bilhões saindo da economia por ano. Para cada site de aposta legal, há outros três ilegais. Com isso, IPCA, PIB e Caged, tudo ficou obsoleto para avaliar se a vida das pessoas está boa ou não. A pessoa sabe se a vida melhorou se mudou a TV da sala ou se o filho comprou um tênis novo. Está sobrando menos dinheiro para comprar essas coisas. Além disso, Lula ainda não está sendo capaz de vender um sonho para o eleitor. Bolsa-família e ProUni já viraram política de Estado, seja o governo de esquerda ou de direita. Não são mais novidades.

Estão apostando muito no crédito consignado e na isenção do Imposto de Renda para quem ganha menos de R\$ 5 mil...

São promessas que atingem muito quem está no mercado formal, mas eu apostaria mais em outras coisas. A jornada 6x1, por exemplo. Por mais que também seja uma política de olho no trabalhador formal, esse cara provavelmente vai fazer bico com o aumento de horas vagas. Vejo com muito mais potencial de votos que a isenção do IR. É preciso olhar para o empreendedor, as pessoas sem carteira assinada. Qual a política para eles? O Planalto criou o "Acredita", renegociando dívidas de MEIs (microempreendedores individuais), e não existe um cartãozinho sequer do governo dizendo que o programa é dele.

O público MEI mais rejeita do que aprova o PT por não querer tanto o Estado se metendo na sua vida, não?

QUEM SERÁ O PRÓXIMO PRESIDENTE?



GABRIEL REIS

Não acho que seja por aí. Empreender não tem a ver com uma visão liberal, isso é o que a direita tenta passar para aumentar a sua viabilidade diante desse público. Essa turma na verdade quer um Estado que cuide dos serviços e lhe dê oportunidades para abrir o seu negócio. Veja alguns números de pesquisa que tenho aqui comigo: entre bolsonaristas e lulistas, mais de 90% consideram que é responsabilidade do Estado garantir saúde gratuita. Mais de 60% acreditam que o governo deveria dar mais assistência e ajuda a famílias vulneráveis. O povo, do ponto de vista do Estado, está muito mais próximo do que pensa o PT do que a direita. Eu quero ver um Romeu Zema defender o estado mínimo numa eleição presidencial dentro da favela...

Ok, mas é preciso admitir que a esquerda tem dificuldades de entender as preferências de um entregador de aplicativo por uma vida mais flexível sem a CLT. Acabam julgando que estão errados por não terem benefícios, como plano de saúde e outros...

A esquerda confunde emprego e trabalho, sendo que as pessoas estão preferindo a segunda opção hoje em dia. Deixo para as ciências sociais a discussão se um entregador é empreendedor ou não. O fato é que esse cara não quer mais carteira assinada, ora. Não adianta chamar ele de burro ou precarizado. O PT, ao invés de resistir a essa realidade por sua origem sindical, deveria pensar em propostas como: obrigar empresas a criarem pontos de trabalho para esse trabalhador tomar banho e esquentar a sua marmita. Também poderia criar linhas de financiamento para a compra de bicicletas e motos.

Por que mesmo assim temos a impressão que "o Brasil dobrou à direita", expressão usada pelo cientista político Jairo Nicolau no livro que analisou a eleição de Bolsonaro em 2018?

O Brasil é muito menos de direita do que a extrema-direita quer fazer parecer. Embora seja mais conservador em assuntos como aborto, há perguntas que faço em pesquisas que mostram espaço para outras posições, mesmo em pautas de costumes. Exemplo: 60% dos meus entrevistados consideram que a sociedade pode prosperar mesmo se o casamento não for uma prioridade. Esse grau de polarização afetiva que muito se comenta não é tão grande no Brasil de hoje. A calcificação

QUEM SERÁ O PRÓXIMO PRESIDENTE?

sairá de cena se tiramos do processo eleitoral o presidente Lula e o ex-presidente Bolsonaro. A oposição hoje consegue ser bem-sucedida não por ser de direita, mas por ser antissistema.

E como a esquerda pode reagir a isso?

Empoderando a população com cidadania. Vou dar um exemplo de política pública: em aplicativos como iFood, Uber e Mercado Livre, é possível dar nota para o prestador de serviços, não é mesmo? Imagina se o governo federal cria um QR Code, coloca em unidades de saúde e as pessoas passam a poder avaliar o serviço de administrações estaduais e municipais pelo Brasil? É uma forma que o Planalto teria de enfrentar a maré antissistema. Lula deixaria de ser vidraça, e passaria a ser pedra.

Acha que a estratégia de focar no discurso da soberania contra Trump terá fôlego até o próximo ano?

Vai ser preciso outras coisas, sim, mas ganhar um inimigo foi muito importante para a narrativa. Fernando Collor enfrentou os marajás; FHC, a inflação; Lula I e II, a fome e a pobreza; Jair Bolsonaro, a corrupção... Lula III estava sem uma bandeira.

Havia a defesa da democracia pós-8 de janeiro...

Isso não dá voto nenhum. A virada veio foi primeiro com o discurso de que ricos têm que pagar mais impostos que pobres. Aí, o tarifaço do Donald Trump ajudou ainda mais nesse sentido. Na cabeça do brasileiro, isso é imposto também e vamos pagar mais caro pelos produtos porque o Eduardo Bolsonaro está lá fora defendendo o papai dele. Além disso, o argumento do patriotismo da direita também caiu no colo do PT.



DIVULGAÇÃO

PABLO NOBEL

NOME COMPLETO

PABLO ALEJANDRO NOBEL

IDADE

60

FORMAÇÃO

CIÊNCIAS SOCIAIS

O QUE FAZ HOJE

É CEO DA AGÊNCIA PLTK, ESPECIALIZADA EM PLANEJAMENTO DE CAMPANHAS ELEITORAIS E DE ESTRATÉGIAS DIGITAIS PARA POLÍTICOS

DESTAQUES DA CARREIRA:

FOI O ESTRATEGISTA DA CAMPANHA VITORIOSA DE TARCÍSIO DE FREITAS AO GOVERNO DE SÃO PAULO, EM 2022, E FEZ A CAMPANHA DO DEPUTADO FEDERAL ANDRÉ FERNANDES PARA PREFEITO DE FORTALEZA, EM 2024. PARTICIPOU DO SEGUNDO TURNO DA CAMPANHA DE JAVIER MILEI A PRESIDENTE DA ARGENTINA, EM 2023

‘Quando fiz a campanha do Tarcísio para governador, disse a ele uma frase que se mantém real até os dias de hoje. Sem o Bolsonaro, não dá. Só com o Bolsonaro, não basta’

PABLO NOBEL

Comecemos pela grande dúvida da política brasileira atualmente: é melhor Tarcísio de Freitas ser candidato à reeleição em São Paulo ou tentar a presidência em 2026?

Não sei o que é melhor, sei o que é mais fácil. Sem dúvida, é bem mais simples se candidatar a governador. Os números das pesquisas estão aí: a avaliação positiva de Tarcísio é altíssima, a rejeição é baixa. Dito isso, sabemos que muitas vezes a história se encarrega de arrumar o tabuleiro e que as decisões não são tão pessoais quanto imaginamos. Agora, temos que esperar.

Esperar Bolsonaro declarar apoio ao governador para concorrer a presidente. É isso que está querendo dizer?

Sim. Está claro para todos que Tarcísio é absolutamente leal a Bolsonaro e que não fará nenhum movimento para prejudicá-lo. Pelo contrário, vai fazer de tudo para ajudá-lo. Mesmo que seja até 31 de março do ano que vem (data obrigatória para se desincompatibilizar caso queira ser candidato a presidente), Tarcísio vai esperar uma decisão de Bolsonaro para dar os próximos passos. Estaremos sentados até meia-noite aguardando o que ele vai dizer. Não existe ser candidato ao Planalto contra a vontade do ex-presidente.

A questão é que, usando expressões populares, Bolsonaro passa a impressão de ter dificuldade de "largar o osso" e "passar o bastão" para um outro nome liderar a direita

Ele não se decidiu ainda, a verdade é essa. Nem publicamente, nem no seu interior. Bolsonaro ainda acha que será o protagonista na eleição de 2026. Esse clique de que pode ser diferente ainda não aconteceu. Bolsonaro tem a crença de que vai reverter a inelegibilidade determinada pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Enquanto ele sentir que isso é possível, vai continuar tentando. É natural e humano isso. Mas, usando outra expressão popular, “muita água ainda vai passar debaixo dessa ponte”.

O clique para mudar de ideia pode estar no momento em que for preso após a condenação pela trama golpista?

Não sei se a virada estará aí, sinceramente.

QUEM SERÁ O PRÓXIMO PRESIDENTE?

E o que vai acontecer com as ruas brasileiras?

O clima de injustiça com a prisão pode mobilizar e emocionar as ruas. Vai ser um tiro no pé da esquerda. Bolsonaro pode virar um mártir do conservadorismo e o movimento, que hoje tem tantos candidatos, pode se unir como um todo.

As manifestações pró-Bolsonaro seguem ocorrendo, mas com menos força do que na época em que ele era presidente. Bolsonaro tem força para encher as ruas novamente depois da prisão?

Entendo que os números de pessoas nas ruas deixaram a desejar e que, na verdade, inexistiu esse interesse todo na anistia. Está claro que não estamos diante de uma paixão de multidões. Acho, inclusive, que os organizadores dos atos ao longo do ano se perderam ao focar apenas na anistia e deixar de lado o “fora Lula”. Poderia ter ido mais gente se fosse o contrário. Mesmo assim, a influência do Bolsonaro é enorme ainda. Ele nunca será esquecido por ter dado voz a pessoas que antes estavam escondidas. Quantos que nunca trataram de política na vida passaram a se expressar e encontraram um lugar de fala? Ele deu sensação de pertencimento

às pessoas. Antes de Bolsonaro, o conservadorismo estava envergonhado.

‘A influência do Bolsonaro é enorme ainda. Ele nunca será esquecido por ter dado voz a pessoas que antes estavam escondidas’

O senhor acha correto Tarcísio ir a atos do ex-presidente onde ministros do STF são atacados?

Claro. Tarcísio fez a defesa que tinha que ser feita e deixou clara a lealdade ao grupo bolsonarista.

Ao mesmo tempo, antes dos ataques na Avenida Paulista, a postura nos bastidores sempre foi outra. No ano passado, a série Persona do GLOBO publicou um perfil do governador em que foi detalhada a excelente relação dele com Alexandre de Moraes e outros ministros do STF. Afinal, isso é ser

dissimulado ou ter habilidade política?

Acho absolutamente válido ele conversar com o Moraes. Mostra um realismo pragmático do governador. Manter pontes em momentos de crise se faz mais do que necessário. O caminho do meio que o Tarcísio tem praticado nesse sentido está funcionando. Ele tem se mostrado muito hábil nessa ponderação.

Nunca veremos um rompimento de Tarcísio com Bolsonaro?

Não dá. Primeiro porque destaco a relação pessoal entre os dois, há uma confiança entre eles. Além disso, qualquer traição implicaria em uma derrota eleitoral gigante. Esse é o equilíbrio delicado, o brasileiro vê mal esse tipo de movimento. Por outro lado, também é muito importante uma composição com o centro. Bolsonaro não perdeu em 2022 por causa da diferença de votos no Nordeste, mas sim porque não fez uma distância maior em São Paulo. Os tiros do Roberto Jefferson e a arma em punho da Carla Zambelli foram fatos decisivos para afastar o eleitor de centro, que se assustou. Quando fez a campanha do Tarcísio para governador, disse a ele uma frase que se mantém real até os dias de hoje. Sem o Bolsonaro, não dá. Só com o Bolsonaro, não basta.

Um texto publicado pela jornalista Daniela Lima, da Globonews, cita uma expressão usada por ministros do STF para se referirem a Tarcísio: "Bolsonarista de garfo e faca". É essa imagem que o faz ser aceito, ao mesmo tempo, em Copacabana, nos gabinetes do STF e na Faria Lima?

Acho completamente equivocada a comparação. Apesar de toda a lealdade, Tarcísio não é o Bolsonaro de garfo e faca, de fraque ou de qualquer outra coisa que seja. Ele é o Tarcísio e ponto. Alguém com outra forma e embocadura, que tem uma excelente gestão no estado. Resumi-lo a uma versão bem educada e bem vestida de Bolsonaro não se encaixa na realidade dos fatos.

A imagem de uma polícia que mata muito em São Paulo não pode atrapalhar o voo presidencial de Tarcísio?

QUEM SERÁ O PRÓXIMO PRESIDENTE?



DIVULGAÇÃO

Não acho. O discurso mais duro nessa área é o que o eleitor está buscando. Não vejo esse tema na casinha das fragilidades, mas sim na das oportunidades. A segurança pública hoje é o tema que corta transversalmente todas as classes sociais. As pessoas vão prestar atenção nesse assunto na eleição para governador.

Tem muita gente de olho nessa vaga, como o presidente do PSD, Gilberto Kassab, o prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes, e o deputado estadual André do Prado, reeleito na semana passada para o comando da Assembleia Legislativa de São Paulo.

Kassab é o melhor articulador político do país, se especializou nesse quesito, mas está há muito tempo sem dialogar com o eleitor. Está distante do voto. O Ricardo Nunes se elegeu com muito esforço do Tarcísio, tem desafios gigantes pela frente na cidade. Não sei se seria bem visto abandonar a gestão para tentar o estado. O André do Prado é muito bem articulado, mas enfrentaria o desafio do enorme desconhecimento.

O senhor deu uma declaração ao jornal O Estado de S. Paulo dizendo que o melhor nome da esquerda para o pós-Lula é o ministro do STF, Flávio Dino. Por que essa opinião?

Ele se expressa muito bem e não se deixa ficar nas cordas. É um debatedor ácido, difícil de ser pego em um debate. Consegue dialogar nas redes sociais, justamente o grande campo de batalha da política nos dias de hoje, e que Lula não consegue penetrar. É uma figura de fora do PT, o que se faz necessário neste momento. Por fim, conhece os três Poderes. Tem experiência no Legislativo, Executivo e Judiciário.

Seria uma candidatura que corroboraria demais o argumento central da direita de que STF e esquerda jogam juntos...

Essa é uma questão apenas para uma certa elite, não para o povo. Não é gatilho de voto isso, com campanha e máquina por trás, isso se resolveria muito fácil. Agora, cá entre nós, se você me perguntar se ele vem candidato, eu te digo: não mesmo. Dino está no Supremo, eles é que mandam no país hoje, e não mais o Executivo. Por que sair de um cargo desses e correr risco em uma disputa que se pode perder?

QUEM SERÁ O PRÓXIMO PRESIDENTE?

Então como acha que estará o campo lulista em 2026?

Eles estão com muitos problemas. Acho, sim, que Lula pode desistir, ele não é burro e está entendendo as enormes dificuldades colocadas. Lula não tem projeto para os próximos dois anos, que dirá para os outros quatro até 2030. Parece um mágico que as pessoas aprenderam qual truque faz e que ninguém mais acha graça da apresentação. Dos outros nomes colocados, claramente Fernando Haddad se perdeu. Lula bombardeou todas as iniciativas de ajuste fiscal e ele acabou ficando muito vinculado à questão dos impostos. O apelido “Taxad” pegou.



DIVULGAÇÃO

FELIPE NUNES

NOME COMPLETO

FELIPE NUNES DOS SANTOS

IDADE

41

FORMAÇÃO

SOCIÓLOGIA

O QUE FAZ HOJE

É DONO DO INSTITUTO DE PESQUISA QUAEST

DESTAQUES DA CARREIRA:

ESCREVEU O LIVRO “BIOGRAFIA DO ABISMO”
COM O JORNALISTA THOMAS TRAUMANN

**‘Enquanto Lula e
Bolsonaro estiverem
vivos, permanecerão no
game mesmo sem ser
candidatos. E o desenho
será o mesmo: os mais
pobres e os de esquerda
votarão no candidato
petista, os mais ricos e de
direita, no antipetista’**

FELIPE NUNES

Ao longo de 2025, o senhor vem falando sobre o fenômeno do fim da gratidão do eleitor, que interpreto como uma crítica ao entendimento de que governos sempre recuperarão popularidade com mais programas sociais e benefícios. Então não adianta mais apenas governar bem para a população aprovar um político, e ele se reeleger?

O eleitor brasileiro chegou à adolescência. E um pai, por mais que esteja fazendo um bom trabalho, nem sempre agrada o filho nessa idade. É preciso convencê-lo de que este é o caminho certo. Esse adolescente está amadurecendo ainda, já testou de tudo para a Presidência em mais de três décadas: um governador bonito do Nordeste, um professor da USP, um operário pobre, uma primeira mulher, um militar de direita... Agora, está mais crítico, mais exigente, mais aborrecido. Tem até uma certa rebeldia, suas opiniões nem sempre são coerentes e, muito menos, pertinentes. O que o governo precisa entender é: tudo que ele faz não é mais do que uma simples obrigação para o eleitor.

Quando me deu entrevista, o ministro-chefe da Secretaria de Comunicação, Sidônio Palmeira, indicou discordar dessa tese e elencou uma série de projetos do governo para melhorar a aprovação popular de Lula...

Nossas pesquisas mostram que 70% dos eleitores não têm medo de perder qualquer benefício social independentemente do governo que estiver em curso. Foi Jair Bolsonaro que contribuiu com isso ao manter e aumentar o valor do Bolsa Família, que ele tanto criticava. Há um desafio maior neste momento: convencer as pessoas de que o Brasil está no caminho certo. A nossa pesquisa ainda mostra que a maioria acha que estamos na direção errada. Para isso, é preciso passar convicção, credibilidade e confiança, coisas com as quais o governo teve dificuldade no primeiro semestre. Prometeram uma frente ampla, mas o Planalto estava governando com o PT. Prometeram picanha e cerveja, mas o povo não conseguia nem comer ovo direito. Houve um vai e volta de decisões, como no caso das taxações das blusinhas e do Pix.

Mas houve uma melhora na popularidade do meio do ano para cá...

Porque a oposição errou ao se posicionar contra o Brasil no tarifaço, e aí o governo surfou nessa onda.

Mas e o discurso de “pobres versus ricos” não funcionou também?

Acho realmente que foi muito mais o fator Trump mesmo. A população até concorda com a tese de que o país é injusto do ponto de vista tributário e está favorável à pauta da isenção do imposto de renda. Por outro lado, se há uma condução desse assunto sob o ponto de vista “pobres versus ricos”, há risco de aumento da polarização, o que as pessoas têm demonstrado certo cansaço. A agenda da justiça tributária só vai funcionar se a forma do discurso for adequada.

Me dê um exemplo de algo que poderia funcionar para o Planalto virar o jogo da popularidade definitivamente...

‘O governo poderia criar novidades a partir de uma reformulação na equipe ministerial, por exemplo. Tem uma nova geração de esquerda que não está representada. Por exemplo: a deputada Tabata Amaral’

Nessa tentativa de convencer as pessoas, o governo poderia criar novidades a partir de uma reformulação na equipe ministerial, por exemplo. Tem uma nova geração da esquerda que não está representada. Por exemplo: a deputada Tabata Amaral. Há outros nomes jovens por aí. Uma medida dessas daria frescor ao governo e faria com que a possibilidade de conexão com o eleitor aumentasse.

Os dois donos de institutos de pesquisa que ouvi na série pensam diferente sobre 2026. Renato Meirelles, do Locomotiva, acha que Lula é favorito para vencer no ano que vem, e Maurício Moura, do Ideia, pensa que o presidente é, na verdade, favorito para perder. Você está de que lado?

Tenho medo de quem tem certeza do que vai acontecer na política, mas aposto em duas evidências. Será uma eleição muito acirrada mais uma vez na lógica candidato petista versus candidato antipetista. E vai vencer quem tiver menor rejeição em

um grupo de pessoas específico: aqueles que votaram no Lula em 2022 e estão descontentes com o governo. São os liberais sociais, pessoas que antes votavam no PSDB e foram com o PT apenas naquele ano. Estamos falando de apenas 10% do eleitorado em disputa, nada mais do que isso.

Mesmo com Bolsonaro fora da urna por estar inelegível ou até mesmo com uma desistência do Lula de concorrer, sempre citada como hipótese, o senhor mantém essa tese de que o jogo estará apenas nesse público?

Sim. Enquanto Lula e Bolsonaro estiverem vivos, permanecerão no *game* mesmo sem ser candidatos. E o desenho será o mesmo: os mais pobres e os de esquerda votarão no candidato petista, os mais ricos e de direita, no antipetista. Outro exemplo: faça o que fizer, o PT vai perder entre os evangélicos. Esse público não está em disputa. O jogo estará nos chamados *swing voters* (os eleitores que oscilam no voto) de quatro lugares: das cidades de São Paulo, Salvador e Rio, e do estado de Minas Gerais. Basicamente, aí estão os tais 10%. Quem conquistar esse desiludido vencerá. Agora, neste momento, por mais que o governo esteja mais desaprovado que aprovado, esse eleitor está dizendo nas nossas pesquisas que não vai votar em ninguém. Ou seja, por ora, Lula vence as simulações eleitorais que tenho feito porque as pessoas ainda desconhecem as alternativas da oposição.

Hoje, na direita, quem se apresenta como o melhor nome para atrair esses 10% em disputa?

Pela ordem, o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), e o de Minas, Romeu Zema (Novo). Pelos colégios eleitorais que representam, por encarnarem o antipetismo e por terem rejeições baixas. O governador de Goiás, Ronaldo Caiado, é um bom nome, mas tem o desafio político de conseguir se viabilizar candidato dentro de um partido como o União Brasil. E Ratinho Jr (PSD) também considero com menos chance por não ser tão antipetista.

Houve um comentário seu na Globonews no início do ano indicando que há um ambiente propício no país para o surgimento de um *outsider* competitivo como João Dória, Wilson Witzel e o próprio Bolsonaro foram no passado. *Outsider* não é igual a técnico português no futebol brasileiro, só lembramos dos vitoriosos e esquecemos dos que fracassam?

QUEM SERÁ O PRÓXIMO PRESIDENTE?



DIVULGAÇÃO

Concordo que, embora haja uma demanda, não basta ser *outsider*. A eleição de São Paulo mostra isso, Pablo Marçal teve erros cruciais na reta final da disputa que o tiraram do segundo turno. Nem todos triunfaram, mas já há no Brasil história para contar de *outsider* que deu certo, sim. Zema em Minas, que citei acima como um nome importante, está no segundo mandato e poderá perfeitamente adotar essa pegada no ano que vem.

Em entrevista a Reinaldo Azevedo no programa “Reconversa”, Marcello Faulhaber, marqueteiro de Eduardo Paes, deu uma cutucada nas suas pesquisas, que têm mostrado a violência como a maior preocupação dos brasileiros ao mesmo tempo em que todos os governadores presidenciáveis citados acima seguem sendo bem avaliados. Não é, de fato, uma contradição na medida em que eles que comandam as polícias?

O problema não está no trabalho das polícias comandadas pelos governadores. Elas são respeitadas e têm boa imagem diante da população assim como a Igreja e o Exército. O problema é a sensação geral de que a polícia prende, e a Justiça solta. O eleitor entende cada vez mais que a violência se profissionalizou e que, agora, estamos tratando de uma questão nacional que se resolve na elaboração de leis mais rígidas em Brasília. Segurança será um grande tema da eleição de 2026, e os candidatos serão cobrados por uma agenda mais dura.

Além da segurança, quais outros desafios para Lula conseguir o quarto mandato?

Já falamos aqui do crescimento dos evangélicos e do fim da gratidão automática aos programas do governo. Maurício Moura, na entrevista que concedeu a você, tratou da maldição dos incumbentes no pós-pandemia, são 17 derrotas de candidatos à reeleição em 21 disputas pelo mundo. Quero ressaltar também outros dois aspectos econômicos: a maior pejetização do trabalho que gera a perda de relevância dos sindicatos e das mobilizações coletivas, e a desconexão da economia do PIB com a economia real. Cada vez mais ganham importância as pesquisas que captam o sentimento das pessoas sobre a economia do que propriamente os índices como IPCA, Caged, e outros em que o governo comemora bons resultados. Vivemos em um mundo em que a percepção é afetada não só pelo preço das coisas e pela renda

QUEM SERÁ O PRÓXIMO PRESIDENTE?

das pessoas. Hoje temos informação sobre o que os outros estão consumindo, o que o influenciador usa, tudo em tempo real. Isso impacta a avaliação sobre a economia.

A esquerda culpa a direita por mentir nas redes e isso, sim, pode afetar a visão das pessoas...

Não há nenhuma evidência de que isso esteja acontecendo. Fake news hoje em dia não mudam a opinião de ninguém. Elas só confirmam a informação de quem já pensa de determinada forma. Depois disso, a pessoa vai para o embate público com mais vontade ainda de dizer que está certa. É um instrumento muito maior de mobilização do que de convencimento. Vale para a esquerda e para a direita.

E como lidar com o eleitor que mente nas pesquisas, seja para esconder quem é o seu candidato preferido o chamado voto invisível, seja para parecer politicamente correto nas respostas?

São desafios do nosso mercado desde os anos 1950. Quem responde pesquisa pode faltar com a verdade quando fala de sexo ou comportamento ilegal, por exemplo. É o chamado “viés de desejabilidade social”, quando as pessoas dão as respostas mais aceitas socialmente. Todo mundo em tese transa sempre, quando sabemos que não é verdade. Ou ninguém admite que é racista no Brasil ao mesmo tempo em que todos dizem que existe racismo. A gente vem desenvolvendo técnicas ao longo dos anos: damos o tablet para o eleitor marcar a sua resposta, deixando claro que a opinião seguirá no anonimato. No caso da política, não dá para dizer que eliminamos o chamado “voto invisível”, mas ele deixou de ser relevante.

Pesquisas sobre a anistia para os acusados pelo 8 de Janeiro não podem ser afetadas pela tal desejabilidade social? Hoje a maioria se diz contra perdoar quem participou dos ataques às sedes dos poderes...

Sim, podem, e por isso temos que ter pesquisadores que perguntem para as pessoas se elas tomaram conhecimento do assunto, se entendem do que estão falando. Por outro lado, já podemos ver a sociedade começando a enxergar alguns exageros do Supremo Tribunal Federal.

Em quais nomes a esquerda deveria investir no pós-Lula?

Camilo Santana e Fernando Haddad são os nomes que se colocam na linha de frente de uma sucessão imediata. Camilo por ser um nome jovem do Nordeste ligado a uma área importante que é a educação. Na reforma tributária, Haddad está tentado tirar a pecha do “Taxxad” e virar o Robin Hood, aquele que tira dos ricos para dar para os pobres. Citaria outros dois nomes no médio prazo fora do petismo: João Campos e Eduardo Paes. Ambos conseguem vencer a polarização e dialogar com o centro.



CRISTIANO MARIZ

SIDÔNIO PALMEIRA

NOME COMPLETO

SIDÔNIO CARDOSO PALMEIRA

IDADE

67

FORMAÇÃO

ENGENHARIA E PUBLICIDADE

O QUE FAZ HOJE

É O ATUAL MINISTRO-CHEFE DA SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO GOVERNO LULA

DESTAQUES DA CARREIRA:

PARTICIPOU DAS CAMPANHAS A GOVERNADOR DE JAQUES WAGNER E RUI COSTA AO GOVERNO DA BAHIA NAS ELEIÇÕES DE 2006, 2010, 2014 E 2018; ATUOU NA CAMPANHA DE FERNANDO HADDAD, EM 2018; E COORDENOU A ESTRATÉGIA DA CANDIDATURA DE LULA CONTRA JAIR BOLSONARO, EM 2022

**‘Quando o governo assumiu,
faltou comunicar qual
herança encontrou.
Estivemos diante de um
país destruído, com muitos
programas encerrados. Se
você tem um copo que
está pela metade, mas não
diz que ele estava vazio
antes, a metade vai ser
considerada pouco’**

SIDÔNIO PALMEIRA

Foram muitas e variadas as razões apontadas pelos entrevistados neste e-book para a queda da popularidade do presidente ao longo do ano. Qual a sua explicação para o que aconteceu?

Acho que há duas questões estruturais e outras mais agudas de dezembro para cá. Primeiro, considero que hoje há uma nova forma de comunicação com o advento das redes sociais, que traz aspectos positivos, mas também outros problemas como consequência. A extrema direita avança em vários países, como Argentina, Estados Unidos, Polônia, Hungria, Itália etc. Há pessoas tatuando suástica com a maior naturalidade pelo mundo e, enquanto isso, uma outra anomalia acontece: ódio e *fake news* estão engajando muito nas redes e dando dinheiro.

Reclamar que a direita só engaja porque espalha mentiras na internet não é uma espécie de “mimimi” da esquerda, que também reproduz *fake news* no embate público?

Fake news é errado e é algo que precisa ser condenado, independentemente de que lado esteja. Agora, um fato é que eles, da direita, são mais atuantes nas redes, e eu acredito que temos que fazer comunicação trabalhando com a verdade apenas. Até porque a verdade pode conquistar pessoas, basta ter criatividade. O segundo ponto que queria abordar é que, no Brasil, quando o governo assumiu, faltou comunicar qual herança encontrou. Como estava a educação? E a saúde? De que maneira enfrentamos a pandemia de um jeito caótico? Estivemos diante de um país destruído, com muitos programas encerrados. Havíamos retornado para o Mapa da Fome. Tudo na vida é uma questão de referência. Se você tem um copo que está pela metade, mas não diz que ele estava vazio antes, a metade vai ser considerada pouco.

E por que essa comunicação não foi feita?

Informação na ponta não depende apenas de comunicação, mas também da política. E aí tem uma questão que é muito importante ligada a três conceitos: expectativa, gestão e percepção. O ideal é que essas três coisas estejam alinhadas. A expectativa com relação ao presidente é alta até pelos governos anteriores que ele fez, especialmente o segundo mandato, entre 2007 e 2010, em que Lula saiu com mais de 80% de aprovação. A gestão também já tem entregas, o governo fez muita coisa nestes dois anos. Voltamos a ser a décima economia do mundo. Foram tiradas 24

QUEM SERÁ O PRÓXIMO PRESIDENTE?

milhões de pessoas da fome, quase um estádio de futebol por dia. O Mais Médicos dobrou, o Pé de Meia é um programa que atinge milhões de jovens e tem uma porta de saída, não sendo apenas uma política pública inerte. Ainda falta a informação de tudo isso chegar à ponta para a percepção das pessoas mudar.

O senhor chegou a dizer que "todos os ministros têm responsabilidade na queda de popularidade do presidente" e ficou parecendo um puxão de orelha na equipe...

Não foi puxão de orelha, mas em um governo todo mundo tem responsabilidade, sim. Não acho que tenhamos que nos guiar pela popularidade, mas sim pela obrigação de informar bem para a população os serviços que estão sendo entregues. Popularidade será consequência.

Felipe Nunes, da Quaest, escreveu ao longo do ano sobre a tese do fim da gratidão do eleitor na relação com o Estado e que programas como o Bolsa Família seriam considerados mais do que obrigação dos governos. O que acha da teoria?

Fim da gratidão? Olha, as pessoas querem saber quais são as entregas de um governo, o que está sendo feito, mesmo sendo a partir de retomadas de programas. Por exemplo, no caso do Bolsa Família, que você citou, 4,7 milhões de pessoas deixaram o programa para conseguir um emprego, durante esse período do presidente Lula.

‘No caso do Pix, a medida, que era positiva, não foi devidamente informada, e a mentira tomou conta. Ficou difícil correr atrás’

Isso mostra que o Bolsa Família é um instrumento para tirar as pessoas da linha de pobreza. O Minha Casa, Minha Vida agora vai atingir a classe média. O Farmácia Popular está com 100% dos remédios gratuitos com fralda geriátrica. Tudo isso é importante para o povo.

E quais foram os aspectos agudos que impactaram a popularidade do presidente que o senhor citou no início da entrevista?

A ausência do presidente devido ao acidente que teve no fim do ano

passado, o aumento do dólar, a inflação de alimentos e as *fake news* do Pix. A conjunção desses fatores prejudicou.

No caso do Pix, recuar da medida não acabou dando razão aos argumentos da oposição?

Qualquer medida que envolva milhões de pessoas tem que ser bem comunicada para que a informação correta ocupe o espaço. Essa é a melhor forma de combater as *fake news*. Nesse caso, a medida, que era positiva, não foi devidamente informada, e a mentira tomou conta. Ficou difícil correr atrás. Fazer o quê? Não teve jeito.

A língua do presidente, capaz de frases machistas como chamar de "mulherzinha" a diretora-geral do Fundo Monetário Internacional, também não acabou sendo um fator para a queda da popularidade?

Todo mundo que se comunica está sujeito a algumas situações. Ele não pode perder a naturalidade e o seu jeito de ser. O presidente é o maior comunicador do governo.

Mas foi possível ver o Lula lendo mais discursos do que antes...

Em alguns momentos, pode-se ler um discurso, em outros pode-se falar de improviso. Tudo é comunicação. Vai depender do evento.

Como é falar sobre comunicação com um presidente que em outros tempos já disse que não lê jornal e que, hoje em dia, não tem um celular próprio?

O presidente é muito bem informado. Sobre o celular, eu mesmo, se pudesse, usaria menos, acho que utilizamos exageradamente como sociedade. Tem gente que passa o dia procurando notícia na rede social quando já leu tudo e acaba perdendo tempo.

Por que o senhor tirou uma aliada da primeira-dama Janja do comando das redes sociais do Planalto?

Entrei e fiz as mudanças que achei melhor. Quando você chega a um lugar, você monta uma equipe.

Alguns críticos do senhor chamam de antiquada a fórmula que tem sido usada desde janeiro para a comunicação governamental, com o aumento de pronunciamentos e

QUEM SERÁ O PRÓXIMO PRESIDENTE?



BRENNO CARVALHO

de entrevistas a rádios locais, além de propaganda nas mídias tradicionais. Como responde a eles?

Antiquada? Só porque existe a internet, não vou trabalhar essas outras coisas? Pronunciamento é uma forma de comunicação, sim, assim como entrevistas e os chamados “quebra-queixos”. Cada um com a sua característica. O rádio mexe com a imaginação das pessoas, a TV, tendo a imagem, trabalha com a passividade da audiência, a rede social estimula a interatividade. Cada um tem o seu formato, e estamos trabalhando todos eles.

Os críticos também falam da dificuldade do governo na área da segurança pública, na comunicação com o segmento evangélico e com os microempreendedores. O que fazer?

A segurança pública é uma responsabilidade dos estados, e o governo federal tem que cuidar das fronteiras e da atuação da Polícia Federal. Mesmo assim, já há uma PEC da Segurança encaminhada para o Congresso Nacional, e o programa do governo chamado Celular Seguro é bem interessante. Sobre os evangélicos, considero que fazem parte de um grupo de brasileiros que sofre dos mesmos problemas que o cidadão comum. Ou seja, acho que o esforço tem que ser o de comunicar os serviços de maneira bem feita tanto para evangélicos, quanto para católicos. Por fim, temos, sim, uma preocupação com quem é MEI e o pessoal de aplicativos. Programas como o Acredito, o Desenrola e agora o crédito consignado para o trabalhador são importantes.

O senhor criou o slogan "O Brasil é dos brasileiros", e há uma clara iniciativa do governo de contraponto a Donald Trump, que vem funcionando pelo mundo como fator de recuperação de popularidade de governantes. Acha que teve efeito com a população?

Considero que as pessoas estão muito bem informadas no mundo de hoje, sim. A compreensão do governo é a de que é preciso ter reciprocidade caso haja taxaço. Gostaríamos de ter uma saída negociada, ninguém ganha com isso, todo mundo perde.

O governo vai se envolver na questão da anistia aos acusados pelo 8 de Janeiro, caso o projeto seja realmente votado no Congresso?

Essa é uma discussão do Congresso e do STF, não acho que seja uma questão para o governo, não.

QUEM SERÁ O PRÓXIMO PRESIDENTE?

Lula pode desistir de concorrer à reeleição no ano que vem?

É uma questão muito íntima dele, se vai concorrer ou não. Estou aqui para falar do governo, pensando na gestão apenas.

Quem da direita vai estar do outro lado da disputa, na sua opinião?

Não quero fazer análise disso, deixo para os outros comentarem. Mesmo porque a eleição de 2026 está muito longe, é cedo para isso. Fazendo uma analogia com o futebol, o jogo nem começou e já querem saber quem vai fazer o gol? Num jogo do seu Vasco, por exemplo, dá para dizer que é o (*atacante Pablo*) Vegetti que vai marcar na próxima partida? Se bem que lá não tem outro, né? A política é muito rápida e dinâmica. Quem estiver fazendo análise agora vai errar. Eu não tenho bola de cristal.

